

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**JONES ZARPELLON MAZO**

**OS VALORES NO ESPORTE JUVENIL: UM ESTUDO COM JOVENS  
PARTICIPANTES EM PROJETOS PRÓ-SOCIAIS NO MUNICÍPIO DE SANTO  
ÂNGELO, RIO GRANDE DO SUL**

**Porto Alegre  
2011**

JONES ZARPELLON MAZO

OS VALORES NO ESPORTE JUVENIL: UM ESTUDO COM JOVENS  
PARTICIPANTES EM PROJETOS PRÓ-SOCIAIS NO MUNICÍPIO DE SANTO  
ÂNGELO, RIO GRANDE DO SUL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre  
2011

*Aos meus pais, Gentilho Mazo (in memoriam) e Jurema M. Zarpellon Mazo.  
À minha esposa, Heloisa H. Appel Mazo.  
Ao meu filho, Lucas Appel Mazo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao concluir este trabalho, expresso a minha gratidão a uma série de pessoas e instituições que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste estudo.

Ao Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, orientador do trabalho, pelo acolhimento – me proporcionando a oportunidade de ser um de seus orientandos –, pelos ensinamentos, pelo incentivo e pela caminhada conjunta em todos os momentos da realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Marcos Alencar Abaide Balbinotti, pelo companheirismo e pela colaboração no processo de construção do referencial teórico da área da Psicologia e da metodologia do trabalho.

À Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo, colaboradora constante neste processo.

Aos colegas doutorandos do NP3 Esporte (Núcleo de Pesquisa em Pedagogia e Psicologia do Esporte/ESEF/UFRGS), Marcus Levi Lopes Barbosa e Ricardo Pedrozo Saldanha, pela amizade, disponibilidade e dedicação nos ensinamentos pertinentes às suas áreas do saber.

Aos demais colegas do NP3 Esporte, constantes colaboradores e incentivadores.

À Escola de Educação Física (ESEF) e seu corpo docente e aos funcionários administrativos do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) e servidores da biblioteca acadêmica.

Aos projetos sociais “Programa AABB Comunidade”, “Programa SESI Atleta do Futuro”, “Programa Segundo Tempo” e “Corridas de Rua” – todos na cidade de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul –, pela participação voluntária na pesquisa.

## RESUMO

O presente estudo trata do tema “valores no esporte juvenil”. O objetivo geral foi descrever – pela ordem de importância – os valores no esporte juvenil assumidos pelos jovens praticantes de esportes da faixa etária de 13 a 18 anos, de ambos os sexos, em programas pró-sociais que utilizam o esporte como meio na inclusão social, no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. Para tanto, foi traduzido e adaptado para a língua portuguesa o Inventário de Valores no Esporte Juvenil (IVEJ-18), composto por 18 itens (LEE, WHITEHEAD; BALCHIM, 2000). Outro objetivo da pesquisa foi comparar as diferenças entre os valores no esporte de dois grupos específicos: Grupo de Adesão (GA) – jovens que participam dos projetos a menos de um ano; e Grupo de Permanência (GP) – jovens que participam dos projetos a mais de um ano. Para cumprir os objetivos da pesquisa, inicialmente, foi realizado o processo de tradução e adaptação do IVEJ-18: tradução; e tradução reversa. Para cada procedimento foram convidados dois tradutores juramentados (VALERRAND, 1989). Quanto à validade de conteúdo (HERNANDEZ-NIETO 2002), três juízes avaliadores tomaram parte nesta etapa: todos com título de Mestre em pedagogia ou psicologia do esporte e com no mínimo cinco anos de experiência na área. O resultado culminou na versão válida para a língua portuguesa do IVEJ-18. Efetuados esses procedimentos, o IVEJ-18 foi submetido às respostas de 192 jovens. O principal resultado apontou que o valor mais importante é o “companheirismo”, seguido, pela ordem de importância, dos seguintes valores: “respeitar as regras”, “autoestima”, “ser justo”, “compaixão”, “saúde e aptidão”, “desportividade”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “ser estimulado”, “obediência”, “trabalhar em conjunto”, “tolerância”, “prazer” e, por último, “ser vencedor”. Ao compararmos a ordem de importância dos valores dos dois grupos, GA e GP, destaca-se que o “companheirismo”, que estava na quarta posição no GA, se desloca para a primeira posição no GP. E, ainda, os valores “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “autoestima”, “ser justo”, “desportividade” e “trabalhar em conjunto” adquiriram mais relevância nos escores do GP. Já os valores “ser consciencioso”, “respeitar as regras”, “realização pessoal”, “ser estimulado” e “prazer” diminuíram suas preferências no GP. O valor “compaixão” foi o que mais declinou, deslocando-se da primeira colocação no GA para a nona no GP. Os valores “imagem pública”, “obediência”, “tolerância”, “prazer” e, por último, “ser vencedor” mantiveram suas posições de preferências em ambos os grupos de controle. Esses resultados demonstram que o trabalho dos educadores responsáveis pelos projetos esportivos pró-sociais na cidade de Santo Ângelo altera de forma significativa a ordem de importância dos valores dos jovens após um ano de participação nos projetos esportivos. Espera-se que esse estudo seja um estímulo para que psicólogos e educadores do esporte incluam como uma das prioridades dos projetos esportivos pró-sociais o compromisso com o desenvolvimento dos valores humanos, que nortearão a formação do caráter do futuro cidadão.

**Palavras-chave:** esporte, valores, projetos sociais, jovens.

## ABSTRACT

The present study deals with the theme “values in youth sport”. The general aim was to describe – in order of importance – the values in youth sport taken on by the young sportsmen from 13 to 18 years old, both sexes, in pro-social programs which use sport as a tool for social inclusion, in the city of Santo Angelo – RS. For such, the Inventory of Values in Youth Sport (IVYS-18), comprised of 18 items (LEE, WHITEHEAD; BALCHIM, 2000) was translated and adapted to Portuguese (Brazil). Another aim of the research was to compare the differences between the values in sport of two specific groups: Membership Group (MG) – youth who have been participating in the projects for less than a year; and Permanence Group (PG) – youngsters who have been participating in the projects for more than a year. In order to achieve the aims of the research, initially, a process of translation and adaptation of the IVYS-18 was carried out: translation; and reverse translation. For each procedure, two sworn translators were invited (VALERRAND, 1989). In relation to content validity (HERNANDEZ-NIETO, 2002), three judges evaluators took part in this phase: all of whom with a Master’s in Pedagogy or Psychology of Sport, and with a minimum of five years of experience in the area. The end result was the valid version for the Portuguese language (Brasil) of the ‘Inventory of Values in Youth Sport (IVEJ-18)’. After the end of these procedures, the IVYS-18 was submitted to the responses of 192 young participants. The main result showed that the most important value was “fellowship”, followed in order of importance of the following values: Respect the rules, self-esteem, being fair, compassion, health and fitness, sportsmanship, being conscientious, personal accomplishment, public image, show skills, being a peace-maker, being stimulated, obedience, work as a team, tolerance, pleasure, and last but not least being a winner. When comparing the order of importance of the values in both groups – MG and PG –, it is highlighted that “fellowship”, which was in fourth place in MG, jumps to first position in PG. Moreover, “show skills”, “being a peace-maker”, “self-esteem”, “being fair”, “sportsmanship” and “work as a team” gained more relevant scores in PG. As for “being conscientious”, “respect the rules”, “personal accomplishment”, “being stimulated”, and “pleasure”, have lost their preference in MG. “Compassion” had the largest decline, going from 1<sup>st</sup> position in MG to 9<sup>th</sup> in PG. “Public image”, “Obedience”, “Tolerance”, “Pleasure”, and the last “being a winner” kept their position of preference in both controlled groups. These results showed that the work of the educators responsible for the pro-social sport projects in the city of Santo Ângelo – RS alters significantly the order of importance of the values in youth after a year of participation in the sports projects. This study is expected to become a stimulus so that psychologist and sports educators can include the commitment with the development of human values as one of the priorities of pro-social sport projects, which will guide the formation of the character of the future citizen.

**Keywords:** sports, values, social projects, youth.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 – Estatísticas descritivas gerais .....</b>	<b>57</b>
<b>Tabela 2 – Grupos de valores indissociáveis estatisticamente.....</b>	<b>63</b>
<b>Tabela 3 – Hierarquia da variável “tempo de prática até um ano” .....</b>	<b>67</b>
<b>Tabela 4 – Hierarquia da variável “tempo de prática mais de um ano” .....</b>	<b>68</b>
<b>Tabela 5 – Resultados entre variáveis controladas .....</b>	<b>69</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>15</b>
<b>3 MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>16</b>
3.1 OS VALORES NO ESPORTE.....	16
<b>3.1.1 Os valores na perspectiva de Milton Rokeach.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1.2 A contribuição de Shalom H. Schwartz para a construção da teoria dos valores humanos.....</b>	<b>20</b>
3.2 CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDOS SOBRE VALORES HUMANOS .....	24
3.3 ESTUDOS SOBRE OS VALORES NO ESPORTE .....	32
3.4 OS VALORES NA PERSPECTIVA DOS PROJETOS PRÓ-SOCIAIS NO ESPORTE .....	36
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>46</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	46
4.2 SUJEITOS .....	46
4.3 INSTRUMENTOS .....	47
4.4 PROCEDIMENTOS.....	48
<b>5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>53</b>
5.1 A COLETA DOS DADOS .....	54
5.2 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS GERAIS .....	56
5.3 QUANTO ÀS VARIÁVEIS CONTROLADAS .....	66
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXO B – INVENTÁRIO DE VALORES NO ESPORTE JUVENIL (IVEJ).....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO C – CARTA DE APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO D – CARTA DE ACEITE / “PROGRAMA AABB COMUNIDADE” .....</b>	<b>93</b>

<b>ANEXO E – CARTA DE ACEITE / PROGRAMA SESI “ATLETA DO FUTURO” ...</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO F – CARTA DE ACEITE / “PROGRAMA SEGUNDO TEMPO” .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO G – CARTA DE ACEITE / PROJETO “CORRIDAS DE RUA” .....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata do tema “valores humanos no esporte juvenil”, a partir dos modelos teóricos estabelecidos por Rokeach (1981) e Schwartz e Bilsky (1987). As contribuições desses autores servem de referências nas análises sobre valores humanos no âmbito da psicologia social, norteados vários estudos em psicologia do esporte. Rokeach (1981) e Schwartz (1992) referem que para dar significado a um valor é preciso inferir distâncias de associação de ordem negativa ou positiva. Nesse sentido, recomenda-se o estudo dos significados de cada valor na relação com um conjunto de valores.

Nos programas esportivos pró-sociais desenvolvidos junto aos jovens pertencentes a uma classe social que podemos chamar de carente ou excluída, que utilizam a ferramenta do esporte como estratégia mediadora na inclusão social, esses valores são, ou deverão ser, estabelecidos com o objetivo de educar ou reeducar, contribuindo com a formação moral do jovem. A prática esportiva nessas comunidades deverá representar um instrumento de aproximação, cooperação e diálogo. Nesse contexto, o principal objetivo dos professores não é estimular valores de concorrência e individualismo, que muitas vezes estão intrínsecos nos modelos competitivos de alto rendimento atlético, mas, sim, fomentar valores como igualdade e solidariedade.

Na atualidade, os projetos esportivos pró-sociais gozam de interesse e afetividade por parte de jovens, constituindo-se numa excelente atividade relacionada à ocupação do tempo livre e à estratégia de inclusão social. Porém, trata-se de uma atividade que exige disciplina e assiduidade, que são pré-requisitos determinantes para o desenvolvimento de uma proposta adequada de formação pedagógica e moral do jovem praticante.

Dessa forma, observando a existência de vários projetos esportivos pró-sociais em cidades brasileiras, nosso estudo fica circunscrito à cidade de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, município situado no noroeste rio-grandense, conhecido popularmente como a "Capital das Missões", tendo sua origem remontada ao período espanhol, sendo parte dos povoados criados nos séculos XVII e XVIII por

padres jesuítas espanhóis nos atuais territórios do Brasil, Argentina e Paraguai. Sua população foi constituída por grandes levas de imigrantes, alemães, italianos, portugueses, espanhóis, poloneses, russos, holandeses, letos, entre outros, constituindo-se, assim, uma diversidade e uma riqueza cultural presentes até hoje. Com esta miscigenação étnica e cultural significativa, predominante na formação do povo brasileiro, insere-se a importância dos estudos sobre valores nesta cidade de longo passado e reconhecida como polo turístico histórico e educacional (contando, atualmente, com três instituições de ensino superior, nas quais estudam aproximadamente seis mil acadêmicos).

Nesse universo multicultural, para a realização desta pesquisa, foram eleitos quatro projetos sociais de Santo Ângelo, obedecendo aos seguintes critérios de escolha: representatividade na comunidade, com público alvo inserido na categoria de “vulnerabilidade social”, contemplação das esferas federais, estaduais, municipais e privadas no fomento e parcerias dos projetos e com número de participantes suficiente para atender aos pressupostos metodológicos do trabalho.

Todos esses projetos utilizam o esporte como uma estratégia mediadora de inclusão social, como meio de promoção e consolidação de valores sociais e pessoais, para a construção de competências individuais e coletivas, colocando em jogo as potencialidades físicas e mentais dos jovens e desenvolvendo características capazes de formar ou reestruturar processos de individuação e socialização manifestados nos modos de vida.

Na cultura esportiva do município de Santo Ângelo não existem, até o presente momento, atividades relevantes voltadas ao esporte profissional, de alto rendimento, onde predomina o foco no vencer. Prioriza-se, então, o desenvolvimento de atividades com atenções circunscritas ao esporte de lazer e inclusão social – e que possibilitam um ambiente educacional para os jovens.

Desse modo, mesmo que o universo esportivo reporte-se predominantemente aos aspectos das regras de prática, aos treinamentos físicos, táticos e técnicos à execução da modalidade em si, visualiza-se nos projetos sociais de inclusão pelo esporte um evidenciar dos estudos sobre valores humanos, de modo que se identifiquem os principais valores assumidos pelos jovens participantes desses projetos.

Os valores humanos emergem como tema de maior relevância no contexto do esporte. Trata-se de critérios através dos quais as pessoas estabelecem padrões de comportamentos. No ambiente em que ocorre a prática sistemática de esportes, muitos professores, treinadores ou monitores priorizam os aspectos técnicos e táticos da modalidade, não dispendo da atenção necessária para a importância dos valores que estão sendo assumidos pelos jovens durante a prática esportiva.

A temática dos valores tem sido contemplada no campo da psicologia social, mais especificamente contemplando estudos sobre a formação moral de jovens (ROKEACH, 1981; SCHWARTZ; BILSKI, 1987). Procura-se, de modo geral, avaliar o comportamento – consciente ou mesmo inconsciente – que se manifesta enquanto guia para julgar as atitudes na tomada de decisão moral diante dos diferentes contextos da vida cotidiana.

Rokeach (1981, p. 146) menciona que o constructo “valores” contempla “um instrumento analítico econômico, a fim de explicar as semelhanças e diferenças entre as pessoas, grupos, nações e culturas”. Também cabe ao autor a diferenciação entre o conceito de valores e outros conceitos que eram frequentemente relacionados entre si, como, por exemplo: atitudes e traços de personalidade. Nessa perspectiva da psicologia social, os valores humanos se constituem como uma crença duradoura, na qual um modo específico de conduta é pessoalmente ou socialmente preferível. Portanto, os valores são critérios estabelecidos pelas pessoas e não propriedades delas; e, por isso, podem ser considerados como um padrão ou uma medida para guiar atitudes. Os comportamentos não são determinados pela prioridade dada a um valor em particular, mas pela dinâmica existente entre os múltiplos valores implicados na ação (SCHWARTZ; BILSKY, 1987).

O esporte juvenil (e suas manifestações) talvez seja o espaço em que mais claramente se percebe a relevância de fatores relacionados aos valores implícitos nas ações. Nele, encontra-se uma comunidade voltada para si, na qual não estão consolidados valores coletivos, emergindo como o principal objetivo a ser alcançado o vencer a qualquer custo. E, por isso, poderá ocorrer um abalo na autodeterminação ou, até mesmo, uma transgressão dos valores educacionais que norteiam o esporte e a transposição de tais fatores ao universo social do jovem.

Apesar da relevância do tema, há carência de estudos que possam contribuir para a produção de conhecimentos, tanto na área da pedagogia quanto da psicologia do esporte. É difícil entender as razões disso, visto que se trata de qualidades indispensáveis, sobretudo no cenário de vida dos jovens, permeado por dúvidas e consolidações que os aflige. Os valores humanos universais regem os aspectos de nossas vidas e, por isso, servem de orientação na participação desses jovens na prática esportiva e na comunidade onde vive. Como se sabe, o ambiente em que se pratica o esporte é um campo fértil para intervenções interdisciplinares, no âmbito da educação e reeducação do indivíduo; gozando este ambiente de possibilidades capazes de extrapolar os aspectos específicos do esporte, internalizando e direcionando-se a vida cotidiana do jovem, futuro adulto.

Assim, acredita-se que seria de extrema relevância identificar e evidenciar o sistema de valores mais importantes dos jovens participantes de projetos pró-sociais que utilizam o esporte como uma ferramenta no processo de inclusão social, não apenas para desenvolvimento do esporte, mas, principalmente, para contemplação de prioridades relacionadas às atividades de inclusão e formação nos respectivos projetos.

O presente estudo possibilita nova perspectiva no Brasil, principalmente quanto à necessidade da sua aplicação aos municípios. Os objetivos, direcionamentos, interesses e convergências nas sociedades sobre valores humanos – tema central do *Relatório de Desenvolvimento Humano 2009/2010*, do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) – são reveladores. Parecem, em suma, indicar uma circunstância e delinear uma procura. Estudando os valores no esporte, reportamo-nos a uma dimensão humana central, dinâmica e econômica que estenderia as possibilidades de intervenções interdisciplinares não só com inferências rápidas de persuasão, mas contemplando, também, a educação e a reeducação do sujeito na formação do indivíduo pró-social.

Sabe-se que esse estudo não trará resultados imediatos, no entanto, espera-se, em médio e longo prazo, que essa contribuição traga indicadores relevantes para que professores, treinadores e monitores atuem enquanto agentes ativos da formação moral do atleta no universo atual do Brasil, com vistas à inclusão e ao aumento dos índices de desenvolvimento social através dos programas. Nesse contexto, conhecer os valores e seus reflexos nas práticas e comparar as

prioridades e a evolução do sistema de valores concebidos pelos jovens praticantes de esportes é determinante para um adequado desenvolvimento da formação do atleta amador, profissional e, principalmente, na formação do cidadão pró-social.

## 2 OBJETIVOS

O objetivo geral do presente estudo é descrever – pela ordem de importância – os valores no esporte juvenil, propostos por Lee, Whitehead e Balchin (2000) e assumidos pelos jovens (entre 13 e 18 anos, de ambos os sexos) praticantes de esportes em programas pró-sociais no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos são os seguintes: a) tradução, adaptação e validação de conteúdo do *Inventário de Valores no Esporte Juvenil* (IVEJ-18), proposto originalmente por Lee, Whitehead e Balchin (2000); b) descrever, por ordem de importância, os valores atribuídos por jovens no IVEJ-18; c) comparar as diferenças (se houver) entre os valores no esporte, conforme a variável “tempo de prática”.

### 3 MARCO TEÓRICO

#### 3.1 OS VALORES NO ESPORTE

A prática esportiva orientada para a formação do jovem atleta é considerada um excelente meio para o desenvolvimento do caráter, principalmente, devido às suas virtudes formativas, que atuam tanto para uma carreira profissional correlata, como para o universo da formação da cidadania do indivíduo. A prioridade sobre o enfoque e o desenvolvimento de valores não se atém somente às atividades desportivas; tampouco podemos negar que a atividade desportiva e suas peculiaridades podem internalizar e configurar um padrão de comportamento do sujeito no seu dia a dia. A ciência recebe impulsos contextualizados à cultura, política e necessidades emergentes de sua época. Assim, é possível dizer que, na atualidade, o esporte goza de prestígio em nível internacional e nacional, uma vez que nele estão intrínsecos ideais humanos a serem conquistados e também valores inscritos naturalmente no retrato axiológico social.

Na Grécia homérica, o esporte era permeado por valores. Aretê, do idioma grego, e seu equivalente latino *Virtus* indicavam um sistema de valores virtuosos, que deveria ser adquirido e praticado para que se atingisse a excelência no viver. No plano físico, destacavam-se a beleza e o vigor. No plano psicológico, discutiam-se a justiça, a bondade, o amor à atividade, a prudência, entre outros. Já na era moderna, o barão Pierre de Coubertin preconizava uma reforma social com as propriedades educacionais que o esporte contemplava, a partir do ideal olímpico. A promoção dos valores olímpicos, através de programas educacionais, como por exemplo, amizade e respeito, também fazem parte da missão do Comitê Olímpico Internacional (COI). Esses valores, sintetizados no objetivo de buscar o melhor de si, não estão circunscritos somente ao ambiente do desporto, mas na direção da excelência, da ética e dos compromissos com todas as ações do sujeito no seu cotidiano.

As modalidades esportivas são constituídas por uma grande gama de ofertas e oportunidades de desenvolvimento de potencialidades físicas, psicológicas e sociais em um meio com características próprias; portanto, essas potencialidades podem configurar determinados padrões de vida, apresentando componentes importantes e indispensáveis para o desenvolvimento integral do indivíduo (SANMARTÍN, 1995). Corroborando a afirmação do autor, o esporte pode transcender um papel meramente motriz, configurando-se em um elemento agregador de desenvolvimento na promoção política, social, econômica e moral. Além disso, face ao potencial de afetividade que atinge a maioria das pessoas, constitui-se em um excelente meio à promoção, à formação e ao desenvolvimento de competências individuais e sociais.

Os valores humanos são constantemente estudados por vários ramos do conhecimento (Psicologia, Filosofia, Antropologia, Sociologia) e, nesse sentido, estão sempre presentes nas ações humanas. Por certo, podem variar em sua hierarquia e modificar-se ao longo do tempo, operando em vários contextos da vida pessoal, afetiva, profissional e esportiva. Dessa forma, predizendo ou julgando atitudes, comportamentos e tomada de decisões das pessoas na busca de felicidade, prazer, sucesso, ideais etc. Trata-se de uma forma cultural de manifestação humana, a partir de princípios fundamentais que regem sua existência de forma constante.

Os valores, de fato, orientam as decisões das pessoas em todos os aspectos da vida cotidiana, inclusive no âmbito da prática esportiva. Nessa perspectiva, parte-se do pressuposto de que o esporte desenvolve o caráter e que os valores humanos desenvolvidos e praticados neste universo poderiam ser transferidos para outros contextos. Alguns estudos procuram estabelecer uma base teórico-conceitual que permita uma transposição ao mundo dos esportes (ROKEACH, 1981; SCHWARTZ; BILSKY, 1987; PERRON, 1987).

Os valores humanos podem ser compreendidos em diferentes perspectivas. Esse estudo partirá do conceito de Rokeach (1981), que serviu de referência para outros estudos (SCHWARTZ; BILSKY, 1987; PERRON, 1987; LEE; COCKMAN, 1995; LEE; WHITEHEAD; BALCHIN, 2000) considerados referências na área. Rokeach (1981) unificou a pretensão de diversas áreas (Filosofia, Sociologia, Antropologia e Psicologia) ao conceituar e, principalmente, distinguir valores de

atitudes. Dessa forma, facilitou a interlocução desse constructo com ramos específicos do conhecimento (esporte, sociedades, trabalho e culturas).

### 3.1.1 Os valores na perspectiva de Milton Rokeach

Ao desenvolver sua teoria dos valores, Milton Rokeach (1981) defende que, para ser cientificamente fértil, qualquer concepção sobre a natureza dos valores humanos tem que ser intuitiva e, ao mesmo tempo, passível de definição operacional, propondo cinco pressupostos para formular sua definição:

(1) o número total de valores que uma pessoa possui é relativamente pequeno; (2) todos os homens em todos os lugares possuem os mesmos valores em diferentes graus; (3) os valores são organizados em sistemas de valores; (4) os antecedentes dos valores humanos podem ser encontrados na cultura, na sociedade e suas instituições e na personalidade; (5) as consequências dos valores humanos serão manifestas em, virtualmente, todos os fenômenos que os cientistas sociais podem considerar que vale a pena investigar e compreender. (ROKEACH, 1981, p. 3. Tradução livre.)

Milton Rokeach (1981, p. 132) postula que valor se define por “uma crença duradoura, onde o modo de conduta ou um estado último de existência é pessoal e socialmente preferido a um oposto modo de conduta ou estado final de existência”. Esse conceito distingue-se do conceito de atitude, que, para o autor “consiste numa organização de várias crenças, relativamente duradoura, em torno de um objeto ou de uma situação que predispõe a uma resposta de alguma forma preferencial” (ROKEACH, 1981, p. 91).

O autor preconiza que as crenças que formam os valores estão centradas no sistema cognitivo das pessoas. Essas crenças são representações cognitivas que culminam das demandas institucionais, individuais e sociais. Quando ocorre e firma-se cognitivamente em valores à pessoa, poderão ser justificadas e defendidas como sendo individual e socialmente preferíveis. Rokeach (1981) argumenta, buscando ser mais específico, que as concepções sobre o desejável correspondem a um tipo especial de preferência, que se manifesta não apenas em relação a modos de comportamento e estados finais opostos, mas também em relação a outros valores.

Em sua teoria, o autor refere que os valores são adquiridos através dos processos de socialização e transmissão entre os seres humanos, valores estes oriundos de questões relacionadas à predileção – preferência, guia das ações –, ou seja, “uma medida para guiar ações, atitudes, comparações, avaliações e justificativas do eu e dos outros” (ROKEACH, 1981, p. 132). Para tal entendimento, distinguiu os valores em *instrumentais* e *terminais*.

Os valores instrumentais conformam valor único, pessoal, preferível em qualquer circunstância com relação a todos os objetos, estes sempre tomando a mesma forma e podendo ser pessoais e sociais. Os pessoais estão relacionados à ambição, à lógica, à inteligência, à capacidade, ao prazer e à independência; os sociais são relacionados aos valores morais, nos quais se consideram a escolha mais digna, com respeito à compaixão, ao companheirismo e à tolerância. Os valores terminais, por outro lado, são constituídos por comparações. Também podem ser divididos em pessoais (que são ligados à harmonia, prosperidade, felicidade e liberdade), e sociais (identificados com as questões relativas à paz no mundo e à igualdade). Trata-se de um valor social que exige esforço para se obter. De fato, podem ser consideradas estruturas cognitivas intrapsíquicas. Os valores pessoais reportam-se a princípios que guiam a vida do indivíduo, enquanto que os sociais sustentam-se na percepção do indivíduo sobre os princípios defendidos pelo grupo.

Esta contribuição indica-nos o balizamento para a interface e, inclusive, a especificidade de determinados valores ao mundo dos esportes escolhidos por Lee e Cockmann (*apud* LEE, 2000), quando fazem a discriminação dos 18 valores que integram o *Questionário de valores no esporte juvenil* (LEE; WHITEHEAD; BALCHIN, 2000). Este questionário foi construído com base na *Rokeach value survey* (RVS), a *Escala de valores humanos de rokeach* (1981). Esta escala pode ser considerada o protótipo dos instrumentos de medidas em valores humanos, sendo que apresenta 36 valores divididos em 18 valores instrumentais e 18 valores terminais.

Partindo da diferença conceitual segundo a qual atitude corresponde a várias crenças direcionadas a um objeto específico e valor corresponde a uma crença única como fator determinante das atitudes, o autor preconiza o conceito de um sistema de valores das pessoas, que é constituído na ordenação dos valores em

um modelo hierárquico. Nesse sistema, há uma distinção entre o importante e o secundário, ou seja, uma preferência entre o que tem valor e o que não tem. Percebe-se uma ordem de prioridade na relação com o comportamento. Tanto Rokeach (1981) quanto Schwartz e Bilsky (1987) destacam a relevância da hierarquização de um sistema de valores.

Mediante a possibilidade de mensuração, foi elaborada para o mundo do trabalho, com vistas à associação de valores com a profissão, a *Escala de valores de Rokeach* (1981). Tal escala deveria ser preenchida pelo sujeito em ordem de importância, como um guia de princípios de sua vida (GOUVEIA *et al.*, 2001). Neste instrumento de medidas, os valores são tratados de forma individualizada e específica e, além disso, são considerados como critérios estabelecidos por pessoas e não como propriedades das pessoas. Rokeach (1981) afirma que os comportamentos não são determinados pela prioridade dada a um valor particular, pois é preciso avaliar a dinâmica existente entre os múltiplos valores implicados simultaneamente na orientação do comportamento.

No Brasil, o estudo de Pereira (2005) foi um dos precursores, no qual o autor apresentou um modelo hierárquico de valores terminais e instrumentais. Trata-se de princípios norteadores das atitudes. De acordo com Bandura (1977) e Perron (1987), o processo cognitivo atua como fundamento para a percepção dos pensamentos e ações. Já o aspecto motivacional representa o gatilho para desencadear os impulsos na direção do cumprimento dos objetivos (KOHLBERG; KOLBY, 1995

### **3.1.2 A contribuição de Shalom H. Schwartz para a construção da teoria dos valores humanos**

Shalom H. Schwartz contribui com seu modelo teórico, considerado extensão do proposto por Rokeach (1981). Neste processo fica corroborado que os valores representam necessidades intrínsecas aos sujeitos. Schwartz (2007) identificou cinco características da definição conceitual de valores que aparecem de forma consistente. Um valor é (1) uma crença, (2) que pertence a fins desejáveis ou a formas de comportamento, (3) que transcende as situações específicas, (4) que

guia a seleção ou a avaliação de comportamentos, pessoas e acontecimentos e 5) que se organiza por sua importância relativa a outros valores, para formar um sistema de prioridades de valores (SCHWARTZ, 2007, p.56). Aqui acontece o reconhecimento da diferença do conceito de valores e de outros conceitos correlatos como “atitudes” que dizem respeito a cada objeto ou situação.

Segundo Schwartz e Bilsky (1987, p. 551), os valores são "representações cognitivas de três tipos de necessidades humanas universais: necessidades biológicas do organismo, necessidade de interação social para a regulação das relações interpessoais e necessidades sócio-institucionais, que visam o bem-estar e sobrevivência do grupo". Schwartz (1992), após revisão da estrutura inicialmente proposta por Schwartz e Bilsky (1987), propôs uma tipologia universal de valores, baseada na literatura sobre as necessidades básicas dos indivíduos.

O modelo teórico de Schwartz (1992) também prevê uma estrutura dinâmica entre os tipos motivacionais, de forma que as pessoas tendem a apresentar alta prioridade para tipos motivacionais mutuamente compatíveis e, por outro lado, baixa prioridade para tipos motivacionais conflitantes. Sua teoria é considerada uma extensão do modelo proposto por Rokeach (1981), centrado no sistema cognitivo. As diferenças consistem na contemplação por Schwartz e Bilsky (1987) na base motivacional para explicação da estrutura dos valores e, também, no universalismo da estrutura e do conteúdo dos tipos motivacionais de valores. Valores estes que possuem raiz motivacional, considerada uma manifestação de interesses e necessidades hierarquizada na importância da vida do sujeito em seu dia a dia, orientando e modelando o perceber, o processar e o agir.

Schwartz e Bilsky (1987) consideram a existência de necessidades universais a gênese de valores que se expressam em tipos motivacionais, retratando a transformação das necessidades em metas. Os tipos motivacionais são apresentados na seguinte classificação: autodeterminação – a independência no pensar e no agir; auto-realização – a necessidade de reconhecimento social, sucesso, competência; hedonismo – a gratificação de necessidades físicas é transformada em valores socialmente aceitos (a meta e o prazer); poder social – necessidade de controle: domínio, *status*, prestígio; conformidade – relativa às expectativas sociais; benevolência – preocupação com o bem-estar das pessoas; segurança – integridade pessoal; tradição – respeito aos costumes da sua

sociedade; estimulação – necessidade de mudança; universalismo – aceitação dos outros e bem-estar de todos (GOUVEIA *et al.*, 2001; SCHWARTZ, 1992, 1994, 2001, 2007).

Schwartz e Bilski (1987) efetuaram a articulação da teoria de Rokeach (1981) com a “desejabilidade” social dos valores, definindo-os como concepções que o sujeito tem a respeito do desejável. Com as limitações da teoria proposta por Rokeach (1981) na comprovação empírica dos valores terminais e instrumentais, Schwartz e Bilski (1987) centraram-se nos tipos motivacionais como raízes de valores, preconizando a existência de um conjunto de motivações universais que dão origem e organizam os distintos tipos de valores em diferentes culturas. Nessa perspectiva, o valor é definido enquanto uma crença do indivíduo sobre uma meta (instrumental ou terminal), que se manifesta em objetivos (individualistas, coletivistas ou mistos) relacionados a um tipo de domínio motivacional (tipos de valores), avaliado a partir de uma escala de importância que parte de um princípio precípua para sua vida (GOUVEIA *et al.*, 2001).

Schwartz e Bilsky (1987) caracterizaram três tipos de objetivos que podem surgir quando uma pessoa adota um comportamento relacionado a um tipo de valor: individualista, coletivo, e misto. O objetivo individualista – poder, realização, hedonismo, estimulação e autodeterminação – aparece quando a questão envolve o constructo motivação individualista (SCHWARTZ; BILSKY, 1987). Trata-se de um dos mais importantes temas explorados pela psicologia do esporte, que merece atenção e é abordado em diversos estudos internacionais e nacionais no âmbito do esporte, principalmente, a partir da Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985; RYAN; DECI, 2000, 2007; JOUSSEMET; LANDRY; KOESTNER, 2008; LAGUARDIA; PATRICK, 2008; PELLETIER; SHARP, 2008; LEVESQUE; COPELAND; SUTCLIFFE, 2008; CAGNÉ; FOREST, 2008; GUAY; RATELLE; CHANAL, 2008; MIQUELON; VALLERAND, 2008; WILSON; MACK; GRATTAN, 2008; VALLERAND; PELLETIER; KOESTNER, 2008; BARBOSA, 2005; JUCHEM, 2006; BALBINOTTI *et al.*, 2007; BALBINOTTI; CAPOZZOLI, 2008). O objetivo que prioriza o coletivo descreve a tendência para colocar os interesses dos outros (auto-transcendência) acima dos interesses do próprio indivíduo (auto-valorização) ou vice-versa: tradição, conformidade e benevolência. O objetivo misto contempla a segurança e o universalismo.

Na teoria da motivação e representação do si mesmo de Ruel (1987), baseada na inspiração teórica de Nuttin (1985), em que se consideram noções de auto-percepção, auto-imagem e autoconceito, o autor acredita que a relação entre o indivíduo e o ambiente acontece a partir do instante em que a necessidade foi transformada em objeto-alvo. Ruel (1987) preconiza que a motivação possui relação com as percepções afetivo-cognitivas que o sujeito possui dele e do seu ambiente. Já no tipo de objetivo misto, a teoria descreve a necessidade de mudança (abertura à alteração) em oposição à necessidade de estabilidade (conservação). Na teoria da significação motivacional da perspectiva futura, de Lens (1993), o sujeito desenvolve sua raiz motivacional no processo orientado em direção a objetivos alvos na perspectiva futura para se situar em relação ao tempo.

Schwartz e Bilsky (1987) elencam um espaço psicológico bidimensional dividido por dois eixos ortogonais bipolares. Esses eixos fornecem um quadro de dez grupos de valores semelhantes (domínios), que são mais ou menos compatíveis ou conflitantes de acordo com sua posição relativa ao modelo, a saber: autodeterminação (criatividade, independência, liberdade); estimulação (atrevidimento, possuir uma vida excitante); realização (ambição, capacidade, obter êxito); poder (autoridade, poder social, riqueza); benevolência (amizade verdadeira, honestidade, placidez, ter sentido na vida); conformidade (autodisciplina, bons modos, obediência); hedonismo (desfrutar da vida, prazer), tradição (devoção, humildade, respeito pela tradição); segurança (ordem social, segurança familiar e nacional); e universalismo (igualdade, justiça social, sabedoria, um mundo em paz).

Segundo esta teoria, cada um dos referidos valores dá origem a um grupo de valores que se organiza em uma estrutura na qual os adjacentes são compatíveis entre si, enquanto que os localizados em extremos opostos representam conflitos. A teoria de Schwartz (1987) demonstra, através dos itens elencados, o universalismo dos valores. No entanto, o significado destes valores pode mudar entre as sociedades, considerando que eles podem se referir à amplitude moral que, inclusive, atinge à maioria dos membros da comunidade. Nessa perspectiva, os valores seriam verdadeiramente universalistas; em outras instâncias, eles só poderiam ser aplicados para uma representação da sociedade, podendo excluir membros de outros grupos.

No desenvolvimento da teoria da estrutura universal dos valores de Schwartz (1987), é mantida a individualização dos valores e de suas especificidades como critérios estabelecidos por pessoas e não por propriedades. Assim, mantém-se a possibilidade de mensuração dos mesmos. No estudo de Schwartz (1992) foi apresentado um instrumento de medidas que mensurava domínios de valores multi-ítem. Nesse instrumento estabeleceu-se que os conteúdos do sistema de valores das pessoas possuíam duas dimensões motivacionais fundamentais: a) auto-transcendência e auto-melhora; b) abertura à mudança e conservação. O autor aprimorou a medida elencando os tipos de valores de seu modelo teórico, optando por uma escala que pode ser transformada para graduação, permitindo com isto a descrição de um sistema de valores entre as amostras.

Assim, podemos considerar que Rokeach (1981) e Schwartz (1994), por sua vez, são os representantes mais recentes na elaboração de teorias sobre valores na tradição da psicologia social. Enquanto ao primeiro coube o crédito de dar ímpeto ao estudo de valores, ao segundo dá-se o reconhecimento de haver desenvolvido uma teoria de valores quase universais, verificada por meio de estudos transculturais em mais de 70 países de cinco continentes, realizados a partir do final da década de anos 1980.

### 3.2 CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDOS SOBRE VALORES HUMANOS

Nos seus estudos sobre valores humanos, Jacques Perron (1987) contribui com seu modelo explicativo acrescentando a categoria comportamental normativa à variável “valores”, diferindo de Rokeach (1981), que é centrado no aspecto cognitivo das pessoas, e de Schwartz e Bilsky(1987), que focalizam a motivação do sujeito. Assim, o autor preconiza três dimensões constitutivas dos valores: a cognitiva, a afetiva e a conativa. A primeira dimensão proposta pelo autor constitui-se nos processos cognitivos manifestados e envolvidos na aquisição, na retenção e no uso do conhecimento. Portanto, oportunizam a interpretação e o ordenamento das

informações da memória por meio de funções intelectuais, facilitando a formação de conceitos e imagens (representações) mentais, tornando possível a oferta de soluções a problemas decorrentes do envolvimento do sujeito com seu ambiente. Essa dimensão alia-se ao caráter normativo, àquilo que deve ser feito, ao dever de fazer e à obrigação no fazer em certos momentos (PERRON, 1987). Nessa dimensão, abstrata para a atividade esportiva, o planejamento e a organização mental para a tarefa podem constituir-se em uma eficiente estratégia cognitiva para atingir as metas, obtendo como resultado o estabelecimento de significações formais (algo desejável, modos de conduta idealizados, finalidades de existência etc.) (PERRON, 1987).

No que tange à atração, ao direcionamento, ao desenvolvimento, ao nível de investimento e à constituição da afetividade dos valores em âmbito geral ou específico, é o caráter de desejo do sujeito que impera. Nesse sentido, um valor pode se apresentar enquanto um desejo ou até mesmo sob forma de uma obrigação (GOUVEIA 2006).

Na mesma perspectiva, Rokeach (1981) refere que a constituição da dimensão afetiva possui fonte em realidades objetivas na sociedade, a qual normatiza e molda o sujeito em seus estilos, modas, comportamentos e costumes. Todas essas ações se expressam através de diversas formas conscientes na busca de sentimentos de eficácia, auto-estima e realizações. O seu contraponto surge na não obtenção dos objetivos, que redundaria em frustrações e insatisfação.

Finalizando o modelo proposto por Perron (1987), a dimensão conativa em sua natureza comportamental parece preencher a lacuna inexistente nas dimensões cognitivas e motivacionais propostas anteriormente. É na realidade comportamental que se exprime a adesão na ação existente e sua capacidade de variar de acordo com as mudanças situacionais. Os referenciais aqui utilizados indicam uma conexão de dois constructos psicológicos funcionalmente integrados, que culminam com a ação comportamental: o cognitivo e o motivacional ou afetivo. Ao tentarmos dissociar esses constructos, uma parte afetará a outra e sua consequente manifestação comportamental.

A ênfase dos estudos iniciais pertinentes aos valores, alicerçada na relação com as atitudes e motivações, estabelece uma relação funcional com o

comportamento do indivíduo. Trata-se de um fator determinante para uma escolha, que diferencia o valor principal do secundário na essência da relação com o comportamento manifesto do sujeito.

No Brasil, destaca-se a contribuição de Tamayo (1988), considerado um dos pioneiros nas pesquisas relacionadas aos valores no mundo do trabalho. Nesse estudo, o autor analisa documentos e arquivos históricos, a partir da teoria da estrutura universal dos valores, inicialmente desenvolvida por Schwartz e Bilsky (1987) e efetivada no estudo de Tamayo e Schwartz (1993). Tamayo (2007), em seu estudo de revisão sobre os valores humanos apresenta resultados bibliográficos de alguns dos mais relevantes trabalhos desde o início do século XX. Allport e Vernon (1931) traduziram para o inglês os estudos de Spranger, desenvolvendo o interesse dos Estados Unidos nos estudos sobre valores. Ginzberg *et al.*, (1951) publicaram em seus estudos que a escolha profissional é definida pelos interesses, pelas capacidades e pelos valores. Allport, Vernon e Lindzei (1970) constataram que os homens de negócio dão prioridade aos valores econômicos, ao passo que os sacerdotes enfatizam os valores religiosos – estes trabalhos definindo valores associados a outros constructos empregados analogicamente.

Nos estudos de Beech (1969), relacionados às profissões de escritores, artistas, homens de negócio e cientistas, demonstra-se a ênfase do homem de negócio nos valores correspondentes à vida confortável, segurança familiar, competência e responsabilidade como predominância; o perfil do cientista obteve semelhança ao dos homens de negócio, sendo que os valores como o perdão, a paz e a coragem foram dadas como de pouca importância; no perfil do escritor preponderou a criatividade, a imaginação e a coragem; o perfil dos artistas ficou consolidado pelos valores da paz e autocontrole.

As pesquisas até então efetuadas contemplando os valores, que avaliam as propriedades axiológicas, não possuíam um conceito específico do tema e estavam enquadradas no ambiente profissional e filosófico, não tinham relações direcionadas aos indivíduos e sim ao contexto, ficando expostas à natureza clara do ambiente do exercício laboral exigido. O religioso, a religiosidade; o político, os valores políticos; o comerciante, os valores pertinentes aos negócios – assim, ficando historicamente a contextualização dos valores humanos circunscrita aos denominados valores

básicos, ou mais tarde compreendidos na definição de “valores terminais”, aqueles que denotam um propósito em si mesmo (ROKEACH, 1981).

Também encontramos na obra *El campesino polaco en Europa y en América* (THOMAS; ZNANIECKI, 2004) a tentativa de definir a conceituação de “valores” como “valores sociais”: “Assim entendidos como qualquer dado que tenha um conteúdo empírico acessível para os membros de um grupo social e um significado com respeito ao que é ou pode ser um objeto de atividade” (THOMAS; ZNANIECKI, 2004, p. 110. Tradução livre).

Segundo os autores, os valores estão nos objetos (concretos ou abstratos); a valoração e significação deles para o grupo ocorrerão no processo de interação e, assim, adquirirão valor e significado para os indivíduos do grupo. Já Kluckhohn (1968) se contrapõe ao preconizado por Thomas e Znaniecki (2004) ao considerar que os valores são concepções e não dados com conteúdo empírico, tratando os valores como atributos do indivíduo. No entanto, também explicita a importância da relação destes com a cultura e a inserção no grupo. O referido autor define valores como:

Um valor é uma concepção, explícita ou implícita, própria de um indivíduo ou característica de um grupo, a respeito do desejável, o que influi na seleção dos modos, meios e fins de ação acessíveis. (KLUCKHOHN, 1968, p. 443. Tradução livre).

Enquanto Kluckhohn (1968) utiliza a palavra “concepção” na sua definição de valores, Rokeach (1981) emprega a palavra “crença” e detalha três tipos de crença: (1) existenciais ou descritivas, qualificadas como verdadeiras ou falsas; (2) avaliativas, nas quais o objeto da crença pode ser julgado como bom ou mau e; (3) prescritivas ou proscritas, em relação ao desejável ou indesejável, associando os valores a este último tipo .

No avançar dos estudos sobre valores, vários fatores relacionados a um consenso conceitual foram sendo superados. Ficou evidenciado o grande impulso do conceito de valores formulado por Rokeach (1981), que transformou este objeto de pesquisa em Psicologia Social. Assim, os estudos sobre valores como uma variável psicológica específica adquirem uma direção norteadora e de consenso importante na comunidade científica, pois as atenções agora se voltam aos

problemas de avaliação ou mensuração deste constructo psicológico especificado ao indivíduo no seu contexto.

A mensuração persegue a ciência desde a antiguidade. Dessa forma, traduziria a materialização de uma hipótese teórica, ou seja, o desdobramento de uma ciência antiga para outra mais específica. Da tentativa e perpetuação da Física em medir as distâncias das estrelas e o tempo, a metrologia oriunda das chamadas ciências exatas; as ciências químicas evoluíram após a introdução da balança analítica, assim, remetendo a quase todos os outros campos uma área que procura resolver seus problemas de medidas. Na Biologia, a biometria; na Economia, a econometria; na Arqueologia, a arqueometria. Na Psicologia, a psicometria impulsionou o uso de medidas, causando impacto nas pessoas através da mensuração de características ou atributos de natureza psicológica efetuados pelo uso de escalas ou testes padronizados. Na evolução do tema dessa pesquisa, não fez-se diferente, pois se procurou avançar de um momento genérico de teorização básica para uma especificidade conceitual, metodológica e de mensuração.

Com sua grande contribuição metodológica, a Escala de valores de Rokeach (*Rokeach value survey*, 1981) trata os valores de forma individualizada e específica, pois considera valores como critérios estabelecidos por pessoas e não propriedades das pessoas; assim não existe mais vínculo estrutural entre eles, podendo aparecer nos resultados alguns dos valores associados à profissão. Os problemas identificados pelo autor permitem afirmar que “as atitudes e o comportamento não são determinados pela prioridade dada a um valor em particular, mas pela dinâmica existente entre os múltiplos valores implicados simultaneamente na orientação de um comportamento e uma atitude” (ROKEACH, 1981, p.131). As críticas ao instrumento centravam-se no público do qual derivava a lista de valores, sendo circunscrito a adultos americanos. Essa escala é a pioneira nos estudos sobre mensuração de valores e também a mais utilizada.

Outros estudos seguiram a tendência de medir valores em contextos específicos: Super (1976) e Perron (1987). Cabe, ainda, destacar o estudo de Braithwaite; Scott, 1991 (*apud* GOUVEIA, 2003), que afirmou que os valores incluídos na escala de Rokeach (1981) são uma boa representação do universo dos valores disponíveis. Entretanto, as medidas de item único estão sujeitas a variações

na interpretação e nas respostas, apesar do fato de que a consistência do item varia com o item.

A utilidade do instrumento pode depender do uso particular pelo qual é colocado em uma dada situação. Nesse sentido, destaca-se o instrumento de Schwartz e Bilsky (1987), que mede valores de múltiplos itens, privilegiando duas dimensões motivacionais: a) auto-transcendência e auto-melhora; b) abertura à mudança e conservação. Os autores aprimoraram as medidas de valores, a partir do próprio modelo teórico.

Schwartz (2001) fornece evidências substanciais de que sua teoria se aplica a uma gama mais ampla de culturas do que se supunha. Também demonstrou que o suporte à teoria não é dependente do método de medição. No trabalho foram utilizados os instrumentos SVS e PVQ, obtendo os resultados da teoria dos 10 conjuntos motivacionais discriminados claramente com uma ou outra medição. Numa amostra de estudantes representativa da Itália e de Israel a estrutura dos valores também emergiu independente do instrumento usado. A hierarquia de importância dos valores foi praticamente a mesma; isto se torna importante porque as prioridades entre os dez tipos de valores refletem aspectos inerentes ao seu conteúdo motivacional (SCHWARTZ, BILSKY 1987; BARDI, 2003).

No estudo intitulado *Os cinco grandes fatores de personalidade e valores pessoais*, que utilizou a metodologia dos cinco fatores (neuroticismo, abertura à experiência, extroversão, socialização e consciência) para representar a estrutura e as características humanas, Roccas e colaboradores (2002) relatam uma hipótese correlacional mais positiva com autodeterminação e universalismo, extroversão e auto-realização, benevolência e tradição, estimulação e consciência, numa amostra de 246 alunos. Os resultados apoiam a ideia de que a influência dos valores sobre o comportamento depende mais das cognições e do controle eficaz do que a influência dos traços de personalidade.

Em suas mensurações, Naomi, Schwartz e Kloot (2002), investigam se homens e mulheres interpretam os valores da mesma forma. Schwartz (1992) organizou metodologicamente o sistema dos dez valores motivacionais e 45 itens de valores distintos através da escala multidimensional (MDS), em uma amostra de 11.244 pessoas em oito regiões culturais (China, Europa Oriental, Finlândia, França,

Israel, Japão, América Latina e Estados Unidos). Os resultados apontaram que homens e mulheres atribuem o mesmo significado para os valores básicos que norteiam e justificam suas ações e avaliações. A interpretação ocorreu de forma semelhante, exceto quando trata do valor “sucesso”, que os homens, mais do que as mulheres, associam mais ao poder.

Um ano depois, Bardi e Schwartz (2003), em seu artigo intitulado *Valores e comportamento: resistência e estrutura das relações*, procuraram responder se a gama de diferentes valores refere-se a comportamentos recorrentes bem como os valores que se relacionam mais fortemente com o comportamento e seu sistema de valores. Os resultados indicaram uma estrutura estimulada e de valores dizendo respeito à tradição; já os comportamentos que expressam hedonismo, poder, universalismo e autodeterminação se relacionam moderadamente. Segurança, conformidade, realização e benevolência se relacionam marginalmente na estrutura. Também os resultados sugeriram que as diferenças no valor da relação com o comportamento podem decorrer de pré-normativas. Tais achados implicam que valores motivam o comportamento, mas a relação entre valor e comportamento é parcialmente obscurecida por normas e, por isso, apresentam uma estrutura semelhante aos conflitos motivacionais partilhados pela teoria que explica os valores.

Nesta abordagem, Rokeach (1981) e Schwartz (1992) propõem que ao significado de um valor podem ser inferidas distâncias de associação positiva ou negativa – por isto, é melhor examinar o significado do valor através das relações com um conjunto de valores e a estrutura das relações propostas por Schwartz (1992; 1994). Sendo os valores definidos como desejáveis, podem variar em importância. Se homens e mulheres constroem suas vidas com visões de mundo distintas, poderíamos esperar que as diferenças de gênero, tanto no entendimento como no endosso, seriam diferentes.

Já Gouveia (2001, 2003) usou como referencial a teoria da hierarquia das necessidades, de Maslow (1970), que era composta por 24 valores divididos em três dimensões: a) pessoal; b) social; c) central. As dimensões também são subdivididas em duas orientações: a pessoal e a social. No critério pessoal está representada a função de experimentação, descoberta e apreciação de novos estímulos e novas realizações (o prazer, o poder, prestígio, auto-direção). No critério social, a

referência consiste no desejo do sujeito em se sentir aceito (comportamento correto, religiosidade, obediência). O critério central manifesta-se na própria existência e na manutenção (saúde, maturidade e conhecimento). O *Questionário dos valores básicos*, QVB, de Gouveia (2003), compreende uma medida objetiva dos valores humanos, composta por 18 itens (valores) específicos, distribuídos equitativamente nas seis funções psicossociais. Os itens são respondidos em escala de 7 pontos, indo de 1 (nada importante) a 7 (muito importante).

As pessoas possuem seu sistema de valores em níveis amplo e específico e, assim, guiam suas vidas. Para o foco no trabalho, os valores laborais possuem um sistema de valor específico. Os valores laborais são compreendidos como princípios, crenças, direcionadas a metas ou recompensas, hierarquicamente organizados, que as pessoas buscam por meio da sua atividade laboral e que guiam as suas avaliações sobre os resultados, comportamento e tomada de decisão nos atos de trabalho (PORTO; TAMAYO, 2003). Os estudos de valores do trabalho no Brasil iniciaram a partir da discussão sobre significado do trabalho e do desenvolvimento de escalas de medida. A atividade do atleta, como um trabalhador em sua especificidade, não contemplada de forma direta, recebeu contribuições das pesquisas realizadas por Tamayo (1988), sobre as relações no trabalho, saúde, cultura, valores e atitudes.

Porto e Tamayo (2003) desenvolveram estudos validando uma escala de valores laborais no Brasil. Os resultados fortalecem a teoria de valores humanos, que prevê estruturas inter-relacionadas, que partem de um sistema de valores gerais e, através destes, formam os sistemas específicos para a atividade laboral e significativa ao sujeito. Os resultados encontrados preconizam a necessidade de integração dos modelos de valores gerais com os modelos de valores laborais, contribuindo para a compreensão do sistema de valores dos indivíduos em qualquer profissão.

No Brasil, Pereira (2005), com uma amostra de 680 sujeitos, estabeleceu a hierarquia dos valores instrumentais ou terminais da escala de valores de Rokeach (1981). O autor identificou nesse estudo a manifestação dos valores terminais mais relevantes constituídos na liberdade, no equilíbrio interior, no autorrespeito, na felicidade, e na segurança da família. Na parte inferior da hierarquia predominou os seguintes valores: salvação, mundo de beleza, vida excitante, prazer e segurança

nacional. Nos valores instrumentais, a hierarquia de maior importância foi constituída pelos valores: honestidade, responsabilidade, amorosidade, capacidade e alegria. Os valores de menor importância manifestados foram: tolerância, obediência, prestatividade, polidez e ambição.

### 3.3 ESTUDOS SOBRE OS VALORES NO ESPORTE

Há uma escassez de trabalhos que contemplam a temática dos valores no esporte. Neste contexto, destaca-se o estudo de Sanmartín (1995), o qual correlacionou os valores no esporte entre grupos de praticantes e não-praticantes. Os valores investigados entre jovens e adultos de ambos os sexos foram os seguintes: companheirismo e diversão, respeito e jogo limpo, realização e poder social, expressão de sentimentos e habilidade e forma física.

Os valores preponderantes para o sexo masculino no estudo de Sanmartín (1995) foram: respeito ao jogo limpo, realização e poder social. Para o sexo feminino, a ênfase manifestada foi correlata ao valor “expressão dos sentimentos”. Nos grupos etários, a diferença foi apresentada entre as faixas de 13 a 15 anos e de 19 a 25 anos. O grupo etário dos maiores de 26 anos relatou um grau maior de importância ao valor “jogo limpo” em relação ao grupo dos 13 aos 15 anos. O valor “expressão dos sentimentos” obteve maiores escores no grupo etário dos 13 aos 15 anos. O valor “habilidade e forma física” obteve o maior índice no grupo etário de 16 a 18 anos; o menor índice deste valor foi obtido nos grupos etários 13 a 15 anos e maiores de 26 anos. Os valores “respeito e jogo limpo” e “logro e poder social” obtiveram maiores índices entre os não praticantes de esportes.

Os instrumentos para avaliar os valores no esporte eram rudimentares (LEE; O'DONOGHUE; HODGSON, 1990 *apud* LEE, 2000). Após esse período, a tendência foi conceituar valores enquanto um conceito fundamental do jogo justo. Outros trabalhos que impulsionaram os estudos recentes na psicologia do esporte: Cruz *et al.*, 1995 e Lee, Whitehead e Balchin, 2000. Esses estudos contribuem para a construção de possibilidades formativas e constitutivas no ambiente esportivo. Os

valores no esporte também se fundamentam na adoção de valores humanos que estabelecem princípios universais que regem todos os aspectos da vida em qualquer atividade e que, portanto, se estendem também ao ambiente esportivo. Destaca-se o trabalho de Simmons e Dickison (*apud* Lee, 2000), que propõe uma escala de 14 itens, distribuídos em cinco fatores para medir valores em atletas.

De fato, um dos contextos configuradores dos valores e das atitudes dos jovens é o esportivo (SANMARTÍN, 1995). É neste âmbito que alguns autores têm realizado pesquisas para analisar a influência do esporte no desenvolvimento moral e social dos jovens atletas. As condutas sociais desejáveis são consideradas representativas pela desportividade, pelo jogo limpo e pelo respeito às regras, ao adversário e ao árbitro. Entretanto, a implicação crescente dos aspectos financeiros e recompensadores no esporte, tanto no adulto como no juvenil, pressupõe uma valorização extrema da vitória e uma tendência a condutas anti-sociais, como a trapaça e o anti-desportivismo (DODGE; ROBERTSON, 2004; RUBIO, 2007; SANMARTÍN, 1995).

As tentativas mais relevantes na medição de valores no esporte foram conduzidas, no Reino Unido, por Martin J. Lee e colaboradores, na década de 1990. Esses autores adotaram a premissa de Milton Rokeach (1981), segundo a qual os valores representam o fundamento das condutas socialmente desejáveis e funcionariam como “princípios que orientam a vida pessoal e social” (LEE, 2000). Além disso, desenvolveram estudos no sentido de observar as “condutas e atitudes relacionadas com o jogo limpo no esporte juvenil” (LEE, 1990, *apud* SANMARTÍN, 1995), demonstrando certa preocupação com as condutas no esporte, relativas à falta de normas e excesso de valorização pela vitória. Avançando na questão dos comportamentos esportivos de jovens adolescentes é possível afirmar que estudos sobre valores comportam uma alternativa válida para a aprendizagem social e o desenvolvimento estrutural para a explicação das condutas morais.

Lee, Whitehead e Balchin (2000) desenvolveram o Inventário de Valores no Esporte Juvenil (IVEJ). Esse IVEJ baseava-se na identificação do desejável para uma medida adequada, no conceito de valores e na distinção de valores e atitudes. O processo de construção do IVEJ foi desenvolvido através de uma pesquisa (LEE; COCKMAN, 1995) realizada por meio de entrevistas com 87 atletas adolescentes ingleses praticantes de vários esportes. Nesse grupo foram identificados 18 valores:

prazer, realização pessoal, esportividade, respeito às regras, senso de justiça, compaixão, tolerância, demonstração de habilidades, obediência, trabalho em conjunto, ser consciencioso, ser estimulado, saúde e aptidão, auto-estima, imagem pública, companheirismo, ser conciliador, ser vencedor. Esses valores constituíram a base para a construção e validação de um questionário, que foi validado para ser utilizado em várias pesquisas com atletas de ambos os sexos.

Os valores morais (de competência e de *status*), conforme Lee *et al.* (2008) se manifestam nas atitudes pró-sociais e anti-sociais no esporte. Os valores morais são aqueles referidos a modos de conduta interpessoal – cuja violação suscita dramas de consciência nos sentimentos do violador pelo mal causado – e estão relacionados à obediência, à justiça, ao espírito esportivo, ao sentimento de utilidade e a manter o contrato – enquanto regras do jogo são estabelecidas (SANMARTÍN, 1995; LEE *et al.*, 2008). Os valores de competência se referem às condutas focalizadas no aspecto intrapessoal, em que estabelece a realização dos papéis que o sujeito considera que deve desempenhar na equipe esportiva. Esses papéis estão relacionados diretamente com a demonstração de habilidades e com a auto-realização (SANMARTÍN, 1995; LEE *et al.*, 2008). E, por fim, há os valores relacionados ao “*status social*”, que se referem aos ganhos pessoais e ao poder social. Relacionam-se com êxito pessoal, imagem pública, reconhecimento social, rendimento máximo, benefícios econômicos e ter liderança (SANMARTÍN, 1995; LEE *et al.*, 2008). A expressão desses valores nas atitudes pró-sociais e anti-sociais teria sua origem no tipo de orientação desenvolvida por técnicos e treinadores e, também, no tipo de estímulo desempenhado pelos pais.

Essas orientações podem ser para a tarefa ou para o ego. A orientação para a tarefa está relacionada com uma função moral mais elevada, ao espírito esportivo e a uma crença de que o esporte desenvolve sabedoria. A orientação para a tarefa pode mediar o efeito dos valores de competência em atitudes pró-sociais (SPRAY, 2003, *apud* LEE *et al.*, 2008). Em contraste, a orientação para o ego pode reforçar a agressão e a pobreza de espírito esportivo e reforçar crenças de que a habilidade e a decepção geram sucesso e que a proposta do esporte é ter algum ganho social. Esses elementos da orientação para o ego podem mediar o efeito dos valores de *status* em atitudes anti-sociais (LEE *et al.*, 2008).

Sendo assim, o primeiro indicador do estudo são os efeitos diretos da expressão dos valores nas atitudes pró-sociais esportivas dos jovens, correlacionando-se positivamente com os valores morais e de competência, enquanto as atitudes anti-sociais correlacionaram-se positivamente com os valores de “*status social*” e negativamente com os valores morais. A orientação para a tarefa apontou parcialmente os efeitos dos valores de competência para atitudes pró-sociais, enquanto que a orientação para o ego apontou os efeitos dos valores de *status* para atitudes anti-sociais.

Portanto, a partir dos elementos descritos, observa-se que o esporte pode ser um meio para o desenvolvimento de comportamentos e condutas morais, no que se refere às atitudes e aos valores. Mas isso não significa que apenas aspectos e condutas positivas façam parte de uma realidade única no esporte, enquanto promotor de valores. A preocupação com o jogo limpo, a honestidade, o respeito às regras, ao árbitro e ao adversário são elementos que podem contribuir para a educação moral, social e esportiva dos jovens. Porém, uma orientação excessiva para a vitória e a centralização das práticas e competições voltadas para o individualismo e o sucesso pessoal podem, também, evidenciar condutas anti-sociais.

O que pode fazer diferença no comportamento esportivo é o tipo de orientação que técnicos, treinadores, educadores desportivos e pais oferecem aos jovens, pois é preciso avaliar, decidir e julgar em que medida estão sendo incorporados os valores e as atitudes que tratam de promover determinados objetivos e se é possível que se planifique e se decida que novas ações educativas devam ser adotadas (SANMARTÍN, 1995). Isso depende de qual sistema de valores está sendo estimulado e transmitido no processo de treino e de ensino (LEE *et al.*, 2008).

Em Portugal, Gonçalves e colaboradores (2005) realizaram estudos visando identificar os valores percebidos no esporte de jovens portugueses com idade entre 12 e 16 anos, utilizando as duas versões do *Inventário de valores no esporte juvenil*. A pesquisa tem por objetivo, além de comparar os resultados obtidos em Portugal com os obtidos no Reino Unido e na Espanha, realizar uma análise da estrutura fatorial do instrumento para aperfeiçoamento e utilização em futuros estudos. A pesquisa foi realizada com 182 jogadores de basquete do sexo masculino, da faixa

etária dos 13 aos 16 anos, praticantes em clubes dos distritos de Aveiro, Coimbra e Lisboa. Nos resultados, ficaram demonstrados escores mais elevados quando comparados aos resultados de Lee e colaboradores (2000). Esse resultado, inicialmente, não surpreendeu os pesquisadores, em razão do fato da amostra ter sido constituída apenas no âmbito do basquete. No entanto, quando a amostra se estendeu a outros esportes, os resultados mantiveram-se similares com relação à amostra de jogadores de basquete. Isso causou surpresa, pois se esperavam resultados similares aos obtidos no Reino Unido e na Espanha.

Nos estudos efetivados em Portugal, com jogadores de basquete masculinos e com outros desportistas de várias modalidades, de ambos os sexos, tanto no contexto escolar como no das federações desportivas, apontaram-se resultados claramente mais elevados do que os obtidos na Inglaterra ou na Espanha (CRUZ *et al.*, 1995). Os itens mais pontuados sugerem que para os jovens portugueses a prática desportiva se constitui muito mais enquanto um processo de socialização do que de treino e aprendizagem.

Os autores especulam que as diferenças nos resultados poderiam ser atribuídas a problemas na tradução ou de compreensão das frases que descrevem os valores, ou mesmo nas diferenças culturais entre os países. Buisman e Van Rossum (2001) criticaram o *Inventário de valores no esporte juvenil* por elencar valores típicos dos adultos e sem sentido para jovens de 12 a 16 anos de idade. Essa crítica foi rebatida pelos autores que construíram o IVEJ com o argumento de que seus itens foram construídos a partir das entrevistas realizadas com os jovens.

#### 3.4 OS VALORES NA PERSPECTIVA DOS PROJETOS PRÓ-SOCIAIS NO ESPORTE

A existência de inúmeros projetos sociais voltados aos jovens, já é uma realidade perceptível no Brasil. Tais projetos são entendidos como um conjunto de atividades concretas, coordenadas e inter-relacionadas. Na maioria dos casos, atendem a uma demanda populacional enquadrada no que chamamos de

“vulnerabilidade social” (CORREA, 2008), constituída por desigualdades, falta de perspectivas, risco à saúde física, social e mental dos indivíduos ou da comunidade. Os projetos como forma de intervenção estatal ou privada são enquadrados na categoria de “terceiro setor”. Trata-se da ação e parcerias com entidades organizadas, objetivando a melhoria da qualidade de vida e a diminuição entre os abismos sociais e econômicos.

Grandes indicadores no desenvolvimento econômico e resultados preocupantes nos índices de desenvolvimento humano: eis o retrato de nosso país na atualidade. Nesse modelo, formaram-se dois segmentos: os “incluídos” e os “excluídos”. Os resultados acarretaram desigualdades favorecendo a poucos o acesso a bens e serviços em detrimento de muitos, aos quais poderíamos chamar de “excluídos” – resultando, assim, em um país de contrastes. O Brasil é uma potência econômica que ocupa as primeiras colocações em nível mundial e, paralelamente, é conhecido pelos seus altos índices de desigualdade social, exclusão nas rendas e problemas na saúde, educação e segurança.

Essa realidade constituiu-se numa demanda, transformando-se em metas do país à democratização dos recursos e à nivelção dos indicadores do desenvolvimento econômico aos sociais. Inclusive, atualmente, na denominada era do conhecimento, a sociedade contemporânea luta pela democratização do conhecimento e conseqüente distribuição do poder – poder de pensar, de compreender, de reivindicar, de ter uma vida digna e de contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade.

Os projetos sociais ganharam força neste processo contra a exclusão social como uma forma de prevenir ou reverter o dano acarretado em indivíduos e grupos, urbanos ou rurais. Seus efeitos de discriminação, segregação e fragilidade na infraestrutura social é aqui encontrada numa demanda em relação às características entre as camadas sociais excluídas alicerçadas na desigualdade das proporções e distribuição das riquezas e oportunidades; em uma concentração da riqueza e do poder, que, ao longo dos últimos anos, permanece deixando uma imensa parcela da população às margens da sociedade (BULLA; MENDES; PRATES, 2004).

Dentre os mais variados tipos e focos dos projetos sociais, aqueles que adotam o esporte como ferramenta mediadora, parecem-nos contemplar o objetivo

dessa demanda contemporânea de inclusão social. Tais projetos constituem-se numa estratégia mediadora, como meio de promoção e consolidação de valores sociais e pessoais num processo de construção de competências individuais ou coletivas. Através do esporte, são colocadas em jogo as potencialidades físicas e mentais dos jovens, podendo ser desenvolvidas como ingredientes capazes de configurar ou reconfigurar processos de socialização e internalização nos modos de vida.

Se o nosso país vivesse uma situação econômica e social ajustada, o tema que trata de formação de valores não obteria tanta relevância nesse contexto. Como se sabe, essa não é a realidade e, desse modo, a atenção na formação moral obtém caráter essencial para nossos jovens. Assim, o esporte no apoio da educação integral dos jovens poderá se configurar como um meio de intervenção e aquisição de valores na transmissão e socialização entre indivíduos.

Nessa perspectiva, as análises sobre valores humanos derivam de alguns importantes estudos (ROKEACH, 1981; PERRON, 1987; SCHWARTZ; BILSKI, 1987; e SANMARTIN, 1995). Num momento seguinte, Lee e Cockman (1995) identificaram 18 valores no esporte através do método de Colby e Kohlberg (1987). Após a identificação desses valores ou sistemas de valores empregados por jovens em suas atividades desportivas manifestadas através de dilemas morais, tais constructos psicológicos forneceriam subsídios para manutenção ou reforço de condutas positivas, ou, ainda, para reconfiguração de atitudes que poderíamos chamar de anti-valores.

Os principais valores no esporte identificados por Lee e Cockman (1995) são os seguintes: prazer, realização pessoal, desportividade, respeitar as regras, ser justo, compaixão, tolerância, demonstrar habilidades, obediência, trabalhar em conjunto, ser consciencioso, ser estimulado, saúde e aptidão, autoestima, imagem pública, companheirismo, ser conciliador e ser vencedor. Trata-se de uma representatividade significativa dos valores e de seu caráter de universalidade presente em todas as culturas humanas e suas manifestações em quase a totalidade dos instrumentos que se destinam a mensuração de valores (SUPER, 1976; ROKEACH, 1981; PERRON, 1987; SCHWARTZ; BILSKY, 1987; GOUVEIA, 2001; 2003; PORTO; TAMAYO, 2003). As mensurações de valores no esporte foram evidenciadas mais significativamente por: Cruz *et alii* (1995); Lee e Cockman (1995);

Sanmartín (1995); Lee, Whitehead e Balchin (2000); Gonçalves *et al.*, (2005); Lee *et alii* (2008).

Ao evidenciar os valores humanos e os projetos sociais com ênfase no esporte como instrumento para a educação integral, tendo seus objetivos nas formações dos valores, busca-se o ato de cidadania e construção do sujeito pró-social. Obviamente que não pode ser alicerçado em uma conformidade restrita e sim no desenvolvimento de um projeto coletivo. Na ação do esporte, pode-se eleger a modalidade do futebol, com maior difusão na cultura nacional, configurando-se num ponto de afetividade dos jovens quase unanimemente, um reduto de valores e anti-valores a ser trabalhado. Aqui, o objetivo consiste na detecção e conceituação dos valores nesse cenário.

Quando se elenca o valor “prazer”, alicerçado na fonte da satisfação como fato gerador da realização no estabelecer vínculos, o sujeito pode vivenciar uma sensação de esperança, conforto e vitória significativa e intensa. Trata-se de característica predominantemente humana, privilegiando sua individualidade. Segundo Mota (2004), os benefícios psicológicos da atividade física são tão importantes quanto os benefícios físicos, pois o bem estar psicológico contribui para a saúde. Dentre os benefícios psicológicos está a melhoria dos estados de humor, a diminuição dos níveis de ansiedade e depressão e o controle do estresse – tornando a vida mais prazerosa.

O valor “tolerância” se expressa, principalmente, na aceitação dos pontos fracos do colega de equipe e no respeito aos oponentes. Trata-se de perceber melhor o outro e, da mesma forma, ser percebido por ele. Aprende-se a administrar as diferenças, oportunizando a aproximação de diferentes técnicas, culturas e sociedades. Além disso, valoriza-se o respeito, a aceitação e o apreço às diversidades humanas; tudo isto aliado ao valor “compaixão”, alusivo ao estado emocional de outrem, ou seja, um exercício de compreensão no sentido da solidariedade. Esses valores pertencem à chamada “esportividade”, consistindo num valor centrado na qualidade que todos esperam e na aceitação geral do princípio de universalismo (SCHWARTZ; BILSKI, 1987).

O “ser justo”, na perspectiva da exatidão ou retidão na integridade do caráter, é um valor de característica pessoal e socialmente preferível em todas as

situações com respeito a todos os sujeitos (ROKEACH, 1981). Trata-se de um valor articulado diretamente ao “ser consciencioso”, pois o atleta procura controlar seus impulsos e age com autocrítica numa perspectiva de longo prazo. Trata-se de uma característica que aparece predominante em líderes.

Essas reações interpessoais denotam responsabilidade em ações mútuas, nas quais é exigida a assimilação de outro valor: “ser conciliador”. Espera-se do atleta o estabelecimento de acordos nos mais variados contextos, exercendo o papel de agregador. O “trabalhar em conjunto”, consistindo no relacionamento recíproco em prol de um objetivo, é, talvez, a excelência da atividade física expressada na função socializante do relacionar-se, mesmo através dos confrontos temporários.

O valor, “respeitar as regras”, é um conceito de raciocínio e consciência moral (BIAGGIO, 1997; KOHLBERG, 1969), que consiste numa decisão racional e justificada de reduzir ao mínimo o conflito entre duas regras morais. Nesse sentido, busca-se colocar em prática a regra mais desejável e consistente para todos, segundo princípios universais de justiça, o que pressupõe entendimento e explicação da regra. A consciência e a conduta dos participantes evoluem graças a fatores individualistas e coletivistas (SCHWARTZ; BILSKI, 1987) e também à cooperação e à coação que atuam simultaneamente.

A “obediência”, por sua vez, trata-se de um valor coletivista (SCHWARTZ; BILSKY, 1987), no qual os pressupostos de tradição e conformidade estão presentes como fatores motivacionais à execução de uma tarefa pré-estipulada que exige submissão, sujeição e dependência. O jovem, depois de uma fase de obediência às imposições dos pais e colegas mais velhos, passa a dominar as regras do jogo e a tomar consciência de sua própria capacidade de criar, controlar e organizar regras.

Já o “companheirismo”, enquanto um valor traduzido numa representação social formada de elementos constitutivos como crenças, atitudes e informações, manifesta-se naquele que acompanha a equipe ou mesmo a instituição. Os colegas – sinônimo de amizade – devem ser solidários em todos os momentos: nas vitórias e nas derrotas. Retrata um valor universalista na aceitação dos outros, além do bem-estar de todos (GOUVEIA *et al.*, 2001; SCHWARTZ, 1992; 1994; 2007).

No desenvolvimento da tarefa, o jovem vai constituindo sua “imagem pública”, denotando o prestígio. Esse valor demonstrado no foco e na importância do valor social é constituído pela interpretação, pelos sentimentos e pelo comportamento do indivíduo perante a sociedade. Espera-se dele uma identidade construída por meio das relações estabelecidas com o mundo e com os outros. Trata-se da conquista de uma posição orientada aos padrões sociais. Com isso, o indivíduo adquire segurança num ambiente estável (ROKEACH, 1981; SCHWARTZ, 1992).

Com o reconhecimento do esforço, persiste o nível de “ser estimulado”. O valor em questão reporta-se à autogestão, através de um conjunto de práticas que irá propiciar a autonomia nas dimensões afetivas, emocionais e comportamentais. Nesse sentido, o atleta aparece como seu próprio gestor. Também pode ater-se ao movimento corporal e fisiológico nas novidades e variedades de estímulos, em que se expressa um impulso para a realização (BRAITHWAITE; LAW, 1985; WALSH *et al.*, 1996, *apud* GOUVEIA, 2003; ROKEACH, 1981; SCHWARTZ, 1992).

Esses valores e seus sistemas contemplam a “saúde e aptidão” na expressão da totalidade biopsicossocial do indivíduo, levando-o a uma integração adequada ao seu meio; com isto, o indivíduo estará psicologicamente estável com o presente valor adquirido, ou seja, não será seriamente afetado por uma preocupação ou tensão, pois tem percepção realística de onde se encontra na ação. Aqui está representada também a necessidade de segurança (SCHWARTZ; BILSKI, 1987). Consiste na busca de um estado no qual se deve evitar algo que possa ameaçar sua condição de estabilidade e constância – este valor é encontrado em outros estudos (BRAITHWAITE; LAW, 1985, *apud* GOUVEIA 2003; SCHWARTZ; BILSKI, 1987; SCHWARTZ, 1992).

Segundo Reinboth e Duda (2005), a Organização Mundial da Saúde entende que a saúde não é apenas a ausência de doença, mas o estado em que o indivíduo se sente fisicamente, psicologicamente e socialmente bem. Nesse sentido, a saúde passou a ser considerada como um bem a ser conquistado através do estilo de vida e dos comportamentos corporais. O envolvimento nas práticas desportivas e atividades físicas é considerado um dos padrões de comportamento que afetam positivamente a saúde (MOTA, 2004). Sendo o indivíduo um

corresponsável pela saúde e pelo estilo de vida saudável, percebe-se a necessidade de uma educação para a saúde (GRAÇA; BENTO, 1993).

A saúde não se constitui na simples ausência de patologias, pois, para se ter saúde são necessárias condições ambientais, econômicas, habitacionais e educacionais. Isso nos leva a refletir no sentido de que a aptidão pode representar também a capacidade de aquisição de conhecimentos ou habilidades gerais ou específicas no esporte. A saúde como um valor a ser conquistado através de comportamentos e hábitos saudáveis ao longo da vida tem sido destacada em diferentes estudos (MORGAN; GOLDSTON, 1987; WANKEL, 1993, *apud* BALBINOTTI, 2008), nos quais se destacam os benefícios da prática de atividades físicas.

Outro valor que se destaca no esporte é a “demonstrar habilidades”. Trata-se de uma demonstração de competência e auto-eficácia (BANDURA, 1995). A auto-eficácia como percepção de si próprio é um dos melhores identificadores psicossociais de aderência em atividades físicas. A percepção dessa capacidade contribui para a motivação no esporte. Através dela, o atleta decidirá o quanto de esforço desenvolverá face ao confronto e à persistência perante o desafio (CRUZ; VIANA, 1996). Feltz (1992) afirma que os estudos pertinentes à demonstração de habilidade no esporte foram baseados nos desempenhos e no julgamento do sujeito em experiências nas quais ele possuiu um controle da ação realizada.

O valor “demonstrar habilidades” possui vínculo com a auto-estima do jovem. Trata-se de um valor centrado na capacidade do indivíduo de elaborar de forma subjetiva um sentimento positivo para consigo mesmo. A partir de então, responde a sentimentos de objetividade, flexibilidade e compreensão dos outros. Na realidade, acredita-se em uma visão realista de possibilidades, limitações e virtudes do próprio sujeito em relação a si mesmo. Essa representação que o sujeito tem de si próprio vai-se constituindo numa realidade abstrata. A concepção que cada um tem da sua personalidade representa um produto forjado por sucessos, fracassos, triunfos e humilhações. Ou seja, trata-se de um auto-retrato a respeito do que se acredita ser a verdade.

A busca constante para “ser vencedor” também é um valor que aparece nos indivíduos que praticam esporte. Esse valor está diretamente relacionado ao poder e

à competição (BRAITHWAITE; SCOTT, 1991; LAPIN, 1997, *apud* GOUVEIA, 2003). É inegável o poder do esportista vencedor, que, muitas vezes, é transformado em herói pela sociedade. Esse valor deve ser usado como um meio de direção de esforços no sentido de superar os limites. Ser um vencedor no esporte tem o sentido, de fato, nos casos em que os atletas procuram superar as dificuldades.

Na realidade, o sistema de valores centra-se na “realização pessoal”. Aqui, se encontra relacionado ao trabalho ou à atividade que proporciona o prazer por múltiplas causas. Dejours (1987) manifesta que a atividade precisa fazer sentido para o próprio sujeito. Trata-se de um conteúdo significativo para o sujeito, no qual é possível identificar as dificuldades da sua prática, além de um conteúdo significativo em relação ao objeto, seu aperfeiçoamento, sua evolução pessoal e social – isso tudo diretamente ligado ao exercício da atividade. Constitui-se num valor individual representado pela maturidade e, inclusive, se fundamenta no crescimento pessoal da autonomia, independência, auto-suficiência ou liberdade (BRAITHWAITE; LAW, 1985; WALSH *et al.*, 1996; LAPIN, 1997; INGLEHART, 1990; KRASKA; WILMTH, 1991, *apud* GOUVEIA, 2003).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde é compreendida como o mais completo bem-estar físico, psicológico e social; não somente a ausência de patologias. Assim compartilhamos da idéia fundamentada nos projetos com o enfoque no esporte, atuando como ferramenta para uma garantia de participação das populações em vulnerabilidade social, na participação democrática, objetivando um maior potencial para a saúde global e o desenvolvimento humano.

A Educação Física, o esporte e o lazer constituem-se como “importantes mediadores do desenvolvimento humano”. Por essa razão, eles vêm sendo incluídos em diversas ações governamentais e não governamentais, com o objetivo de suprir as “carências” de alguns grupos socialmente desfavorecidos. Assim, o esporte e o lazer podem cumprir seus papéis de mediadores da transformação social (TABARES, 2006). Além de uma atividade física de competição, o esporte é visto como um fenômeno social e cultural que vai além do espetáculo em execução.

O esporte pode promover a inclusão social (COALTER; ALISON; TAYLOR, 2000, *apud* GAYA, 2008) e, ainda, contemplar um aspecto vivencial e participativo. É sempre bom reiterar o universo humano em que o esporte pode atuar como

ferramenta mediadora desta amplitude. Nesse contexto, destaca-se sua contribuição em diferentes perspectivas: comunicação, cooperação, respeito pelas regras, resolução de conflitos, entendimento, compreensão, conexão com outras pessoas, liderança, valor do esforço, respeito ao outro, saber vencer, saber perder, saber administrar a competição, justiça, auto-estima, responsabilidade, honestidade, trabalho em equipe, disciplina, confiança, percepções de competência, autoconceito, motivação e inclusão.

É possível constatar que as sociedades organizadas – comprometidas com a equidade do desenvolvimento econômico e social – possuem seus preceitos legais em seus ordenamentos e diretrizes. Na Constituição Federal do Brasil, de 1988 (CF-88), em seus artigos 6º e 217º, encontra-se o dever do Estado de fomentar as práticas desportivas formais ou não formais, como direito e forma de promoção social do cidadão, independente da condição socioeconômica e seus distintos segmentos. A prática e o acesso ao esporte e ao lazer é um direito do cidadão. No Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal n. 8.069/1990), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei Federal 9.394, MEC) (Brasil, 1996) e na Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO encontram-se os direitos dos indivíduos à educação física e ao desporto como um fator de desenvolvimento integral das pessoas.

Atualmente, amparado por normatizações, o desafio perpassa pela quebra de paradigmas culturais e políticos do passado. Para isso, a criação da Secretaria Nacional de Esporte Educacional (SNEED/ME) fez o Decreto n. 4.668, de 9 de abril de 2003. Essa secretaria, que atua subordinada aos parâmetros elencados na Política Nacional de Esporte e na Política Setorial de Esporte Educacional, prioriza o esporte como fator de desenvolvimento humano. Trata-se de um instrumento de inclusão social e de organização de estratégias de fomento nas políticas públicas de esporte e lazer. Essas ações são desenvolvidas de forma ampla, continuada, sendo avaliadas e reavaliadas quanto a sua eficácia e a seus objetivos. Nesse propósito, estão integradas em ações conjuntas as esferas institucionais de caráter federal, estadual e municipal, no que tange às esferas públicas educacionais relacionadas à política de inclusão social de crianças e adolescentes.

O processo que envolve a democratização e a garantia de acessos por meio do esporte e do lazer assume nos projetos sociais a importância inconteste na

contribuição para a reversão do quadro de injustiça e vulnerabilidade social predominante na sociedade brasileira. Trata-se de instrumentos de formação integral do indivíduo, possibilitando o aprimoramento das relações sociais, a construção de valores, a melhoria da saúde e o aprimoramento da consciência e da análise crítica. Não se trata de justificativa ou recorrência textual e bibliográfica relacionadas à universalização do esporte como mediador na construção e na inclusão de cidadãos.

A promoção do desenvolvimento humano está diretamente articulada à implementação de políticas inter-setoriais que promovem a qualidade de vida e a saúde da população. Assim, são criadas oportunidades no desenvolvimento de potenciais que se convertem em competências para uma vida participativa na comunidade. Essa via é privilegiada para a educação e reeducação social e comunitária

Através dos projetos sociais no esporte são desenvolvidos vários aspectos: capacidades, valores, atitudes, auto-estima, autoconhecimento, auto-cuidado, espírito de equipe, cooperação, resolução de problemas. Nessa perspectiva, se configura o “educar para a vida”; ou seja, um foco de desenvolvimento global de potenciais, independente do talento ou da pré-disposição.

Mesmo se atingindo os melhores rendimentos ou conquistas, é preciso saber que tais objetivos não são os únicos. A prática do esporte também representa a oportunidade de diversão com dignidade, segurança, acessibilidade e assessoramento competente. Trata-se de direitos e garantias legais, aliados à mobilização e à integração de várias instâncias do ser humano na atividade desportiva. Analogicamente, pressupõem-se o desenvolvimento motor, emocional e cognitivo e de habilidades, valores e atitudes, internalizando e expressando-se através do indivíduo como uma fonte permanente que contempla o contexto social em que se insere. Os projetos sociais com ênfase no esporte como ferramenta mediadora é processo de inclusão social, podendo ser auferidos indicadores que venham a repensar, redirecionar ou avaliar o universo dos jovens ali representados.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório que pretendeu examinar comparações entre variáveis e gerar previsões. As informações foram obtidas através de questionários, nos quais os sujeitos da amostra responderam às questões formuladas (THOMAS; NELSON, 2002; HILL; HILL, 2008).

### 4.2 SUJEITOS

O estudo desenvolveu-se em duas etapas. Na primeira, o processo de tradução, adaptação e validação do conteúdo contou com a participação de sete profissionais. Os sujeitos participantes contratados, com suas atividades remuneradas para os procedimentos de tradução, tradução reversa e adaptação semântica, foram quatro tradutores oficiais juramentados, com seus registros válidos na junta comercial da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sendo dois de língua materna inglesa e dois de língua materna portuguesa. Três professores de Educação Física, voluntários (de forma livre e esclarecida), mestres em Psicologia do Esporte, com no mínimo cinco anos de experiência com jovens de características similares aos da amostra, para os procedimentos de validação de conteúdo do *Inventário de valores no esporte juvenil* (IVEJ-18). Destaca-se que os resultados preliminares deste estudo foram apresentados no trabalho de Mazo, Balbinotti e Barbosa (2008).

O número de tradutores e juízes<sup>1</sup> participantes segue as recomendações de Pasquali (2001; 2007), Hernandez-Nieto (2002) e Vallerand (1989) para processos de validação transcultural de instrumentos. Na segunda etapa do trabalho, a amostra para esta pesquisa foi composta por 192 jovens, na faixa etária de 13 a 18 anos, de ambos os sexos, em situação de “vulnerabilidade social”, participantes de projetos pró-sociais que utilizam o esporte como ferramenta mediadora nos processos de inclusão social, no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. O total da amostra foi calculado em função das colocações de Dassa (1999), que recomenda que, para cada item do instrumento, sejam considerados dez sujeitos. Todos os participantes foram escolhidos pelos critérios de disponibilidade e acessibilidade (MAGUIRE; ROGERS, 1989).

#### 4.3 INSTRUMENTOS

Para esta pesquisa foram utilizados dois instrumentos. Para o controle das variáveis “sexo”, “idade”, “tempo de prática”, “grau de escolaridade” e “esporte preferido” utilizou-se o *Questionário de identificação das variáveis de controle* (QIVC), elaborado especificamente para a pesquisa em questão. Esse instrumento aparece no cabeçalho do *Inventário de valores do esporte juvenil* (IVEJ-18), que é constituído por 18 itens respondidos através de uma escala de tipo *Likert*, graduada de cinco pontos: de (1) “essa ideia é pouquíssimo importante para mim” até (5) “essa ideia é muitíssimo importante para mim”.

---

<sup>1</sup> Tratamos como juízes os membros do processo da validação de conteúdo.

#### 4.4 PROCEDIMENTOS

Esta investigação faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Valores e atitudes pró-sociais no esporte: um modelo explicativo no contexto do esporte de inclusão social”, que foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), protocolado sob o n. 18.193 de 2010.

Inicialmente o *Questionário de valores no esporte* (LEE; WHITEHEAD; BALCHIN, 2000) foi traduzido para a língua portuguesa por dois tradutores oficiais (juramentados), de língua materna inglesa, sem que um tivesse conhecimento do trabalho do outro (duplo cego). Posteriormente, as duas traduções efetuadas da língua inglesa para a portuguesa (Brasil) foram encaminhadas (duplo cego) a outros dois tradutores oficiais (juramentados), de língua materna portuguesa (Brasil), que procederam à tradução reversa para a língua inglesa.

De posse dos quatro documentos oficiais, dois com tradução da língua inglesa para a língua portuguesa (Brasil) e dois com tradução reversa da língua portuguesa (Brasil) para a língua inglesa, constituiu-se um conselho arbitral formado por uma equipe de três juízes-avaliadores. Os critérios para a escolha dos juízes foram os seguintes: possuir proficiência em língua inglesa, possuir mestrado em psicologia do esporte e ter experiência de campo (não inferior a cinco anos) com a população similar da amostra. Feito isto, utilizamos a *Escala de pertinência e clareza* (EPC), sugerida por Hernandez-Nieto (2002). Essa escala foi desenvolvida especialmente para o estudo do cálculo da validade de conteúdo do *Inventário de valores no esporte juvenil* (IVEJ-18), através do viés da consistência no julgamento de competentes opiniões especializadas de juízes-avaliadores. Ainda, é possível que se responda, ao menos em parte, questões relativas à validade de conteúdo através da avaliação positiva dos juízes-avaliadores quanto à pertinência teórica das questões.

Para tanto, pensou-se em duas dimensões independentes e específicas: uma medindo a pertinência teórica e a outra a clareza (na linguagem) dos itens do IVEJ-18. Essas duas dimensões são medidas a partir de uma escala bipolar, tipo *Likert*, em 5 pontos, partindo de “pouquíssima pertinência (ou clareza)”, resposta 1, até “muitíssima pertinência (ou clareza)”, resposta 5. Nosso passo posterior

consistiu em convidar, pessoalmente, os profissionais colaboradores. Esse encontro serviu para, inicialmente, expor os objetivos do estudo, para, logo após, convidá-los a participar da pesquisa, na condição de juízes-avaliadores. Uma vez obtida a aceitação verbal, um encontro para a resposta da escala foi marcado. Neste segundo contato (também pessoal), inicialmente, solicitou-se a assinatura do *Consentimento livre e esclarecido*. Logo a seguir, a *Escala de pertinência e clareza* (EPC) foi entregue, as instruções foram dadas e a escala respondida.

De a posse da versão brasileira do IVEJ-18, foram dados os primeiros passos para a sua aplicação. O início se deu através dos contatos telefônicos com os responsáveis pelos programas sociais, visando agendar uma reunião para esclarecer todas as dúvidas, entregar a Carta de Apresentação (Anexo C) e, em seguida, solicitar a assinatura das Cartas de Aceite (Anexos D, E, F e G). Reuniões encerradas, apresentado o projeto e dirimidas as dúvidas, obteve-se a autorização para início das coletas de dados, através das Cartas de Aceite, nos quatro projetos que constituíram a amostra da pesquisa sobre valores no esporte na cidade de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. A seguir, os quatro projetos escolhidos.

**Parceria entre pessoa jurídica não governamental e poder público municipal:** escolheu-se o “Programa AABB Comunidade”, integrando a Prefeitura Municipal, Fundação Banco do Brasil e Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), ambos de Santo Ângelo. O programa atende a crianças e adolescentes de 6 a 17 anos, em situação de “vulnerabilidade social”, de ambos os sexos, oriundos do corpo discente das escolas municipais. O “Programa AABB Comunidade” oferece várias oficinas de aprendizagens, nas quais o esporte destaca-se enquanto um caminho para a formação da cidadania.

**Iniciativa de pessoa jurídica:** tem-se o SESI (Serviço Social da Indústria), com o “Programa SESI Atleta do Futuro”, que atende a crianças e adolescentes de 7 a 17 anos. Fundamentado no “trabalhar o esporte para além do esporte”, o projeto desenvolve conceitos transversais como saúde, educação, empreendedorismo e sustentabilidade. Pela prática regular de modalidades esportivas, o projeto foca sua metodologia no estímulo e na promoção do desenvolvimento físico, mental e social, na interação entre pessoas, na participação das famílias e na formação de valores para o crescimento de seres humanos mais completos.

**Parceria entre instâncias governamentais das esferas federal e municipal:** “Programa Segundo Tempo”. Por meio de convênio do Ministério do Esporte (Departamento de Esporte Escolar e de Identidade Cultural) com a Prefeitura Municipal de Santo Ângelo, o projeto atua em 12 núcleos situados em bairros do município, com jovens e adolescentes de ambos os sexos, democratizando e promovendo o acesso à vivência na iniciação esportiva como instrumento educacional. Seu compromisso está centrado no desenvolvimento integral dos participantes, na formação da cidadania e na promoção da qualidade de vida, contribuindo à aptidão física, ao bem-estar mental, à interação, à inclusão social e ao exercício da cidadania.

**Iniciativa de pessoa física:** projeto “Corridas de Rua” demonstra a consciência social da professora de Educação Física Maria Clara Abrahão Ribeiro, fundadora e coordenadora do projeto, que é financiado pelos próprios jovens (de 10 a 16 anos), por meio da confecção de artesanatos, pizzas e ações entre amigos. O projeto usa o atletismo, na modalidade de corridas, como uma ferramenta na promoção da saúde física, mental e social, promovendo a inclusão na busca da cidadania.

Posteriormente, professores e monitores atuantes no campo de intervenção dos programas foram contatados, visando esclarecer o motivo da visita e também solicitar que fosse agendada uma reunião com os pais ou responsáveis legais pelos jovens participantes dos programas constituintes da amostra. Os encontros ocorreram nos locais onde acontecem as atividades dos projetos. Após as explicações aos responsáveis sobre o tema e a pesquisa, foi promovida a assinatura do *Termo de consentimento livre e esclarecido* (TCLE) (Anexo A). Face à baixa presença dos responsáveis na reunião de esclarecimentos, fato que poderia comprometer o número de coletas com vistas aos pressupostos metodológicos da pesquisa, optou-se pelo envio dos documentos de esclarecimento e autorização para que os responsáveis se manifestassem pela via documental, sempre colocando-nos à disposição para contatos pessoais que permitissem melhores esclarecimentos. Com essa estratégia, conseguimos as autorizações para atuarmos junto aos jovens nas coletas de dados.

Efetuados os trâmites, atuamos junto aos jovens da amostra em encontros previamente agendados pelos técnicos de campo. Na explicação da pesquisa e

assinatura do TCLE por parte dos participantes, todos foram claramente informados de que sua contribuição ao estudo era voluntária e poderia ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo pessoal ou qualquer punição (BALBINOTTI; WIETHEAUPER, 2002). Também ficou garantido o anonimato pessoal dos participantes. Após os esclarecimentos, os jovens assinaram o TCLE e procederam ao preenchimento do IVEJ-18.

Adentrando no cenário de aplicação do inventário, providenciou-se na devida preparação para aplicação do trabalho, respeitando-se as condições necessárias. Como o objetivo da pesquisa é saber o nível de importância dos valores, segundo Alchieri e Cruz (2003), o ambiente deve ser preparado para não sofrer interferências de outras variáveis que possam influenciar em suas respostas. Dito isto, no processo de aplicação do IVEJ-18, levou-se em consideração alguns aspectos indispensáveis para a satisfatória realização dessa atividade: qualidade do ambiente físico, qualidade do ambiente psicológico e material de trabalho (inventários, pranchetas e canetas).

Encerrado os trabalhos de coleta, os dados foram digitados na planilha eletrônica SPSS (versão 15.0 para *Windows*), com a intenção de assegurar a confiabilidade dos dados colhidos. Na verificação dos resultados, foram realizadas as análises das frequências das respostas aos itens com o propósito de verificar se, em algum caso, houve respostas fora do intervalo esperado (conforme escala *Likert*). Através desse procedimento, obteve-se um banco de dados mais confiável para a realização das aferições. O resultado das análises foi apresentado conforme os princípios comumente aceitos na literatura internacional (ANGERS, 1992; AŞÇI; AŞÇI; ZORBA, 1999; BARTHOLOMEW *et al.*, 1998; BISQUERA, 1987; EKLUND *et al.*, 1997).

Para operacionalização das análises de dados utilizamos o programa estatístico SPSS 15.0. Três grupos de análises foram realizados, a saber: análises de itens, descritivas e de comparação entre as variáveis do estudo. O primeiro grupo de análises explorou a adequação dos itens do IVEJ-18 usados neste estudo (Coeficiente de Validade de Conteúdo). As amplitudes das médias, os desvios-padrão (dos itens) e as correlações item-item.

O segundo grupo de análises foi composto pelas análises descritivas, a saber: de tendência central (média, média-aparada 5%, mediana), dispersão (desvio-padrão) e distribuição (normalidade, assimetria e achatamento). A análise da distribuição permitiu tomar a decisão a respeito do uso de instrumental paramétrico ou não paramétrico. O terceiro e último grupo de cálculos contemplou as análises comparativas entre as variáveis. Assim, a exploração dos escores obtidos pelos inventários seguiu os princípios norteadores comumente aceitos na literatura especializada (ANGERS, 1992; PESTANA; GAGEIRO, 2003; REIS, 2001).

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Visando responder adequadamente às questões centrais desta pesquisa, dividimos o presente estudo em três momentos: (1º) processo de tradução, adaptação e validação de conteúdo; (2º) hierarquização pela ordem de preferências dos valores no esporte, aferida perante a amostra geral; (3º) comparação das preferências dos valores segundo as variáveis controladas – “tempo de atuação dos jovens nos projetos de até um ano” e “tempo de atuação de mais de um ano.

Através de criterioso processo de tradução, adaptação e validação de conteúdo, chegou-se aos resultados do primeiro estudo. Três casos diferentes foram encontrados: (1º) em 10 itens (55%), a tradução reversa coincidiu com a forma original, estes foram mantidos como traduzidos; (2º) em 5 itens (28%), embora não tenham mantido sua forma original na tradução reversa, mantiveram o sentido do item original, precisando de alguma adaptação; (3º) em 3 itens (17%) afastaram-se de sua forma e sentido original, o que provocou um trabalho mais meticuloso do conselho arbitral no sentido de encontrar palavras que preservassem o questionário original e não permitissem interpretações dúbias.

Quanto ao trabalho com os tradutores juramentados, nos contatos iniciais ficou evidente a curiosidade dos mesmos com relação ao procedimento e sobre a finalidade do mesmo. Alegavam que, até então, nunca haviam recebido solicitação de semelhante espécie, visto que, o trabalho normalmente desempenhado restringe-se à tradução de documentos comerciais e certidões pessoais. De qualquer sorte, ainda que tenhamos conhecimento da existência de uma grande gama de trabalhos acadêmicos com processos de tradução que utilizam outras metodologias, acreditamos que a medida tomada representa condição imprescindível para o correto desenrolar do estudo, que poderá partir para uma aplicação prática sem vícios na fonte, o que valoriza os resultados obtidos.

Relativo à validade de conteúdo, Hernandez-Nieto (2002) recomenda que só sejam consideradas aceitáveis as questões que obtiveram Coeficiente de Validade de Conteúdo maior que 0,80 ( $CVCC > 0,80$ ). Entretanto, sabendo-se que os juízes poderiam não ter a mesma formação (e, com isso, ter diferentes opiniões),

considerou-se importante relativizar o ponto de corte para 0,70 (BALBINOTTI, 2004). Esses escores foram considerados limítrofes. Escores inferiores a 0,70 foram considerados inaceitáveis. O mesmo procedimento foi utilizado para avaliar as questões quanto à pertinência e clareza teórica.

Após os procedimentos efetuados pelos juízes, foi calculado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) para os dois aspectos em análise (Clareza e Pertinência). Realizadas as avaliações, obteve-se, para o aspecto Clareza,  $CVC_c$  entre 0,50 e 0,60 em 3 itens (16%), entre 0,61 e 0,70 em 2 itens (11%) e superior a 0,70 em 13 itens (75%) da escala. Quanto à escala total, o  $CVC_t$  obtido foi de 0,75. No que diz respeito ao aspecto Pertinência, obteve-se  $CVC_c$  entre 0,50 e 0,60 em 1 itens (5%) e superior a 0,70 em 17 itens (95%) da escala. Para a escala total, o  $CVC_t$  obtido foi de 0,79. Esses resultados indicam a necessidade de revisão de alguns itens; mesmo assim, a versão em análise do IVEJ-18 apresentou índices aceitáveis de validade de conteúdo.

O resultado do processo de tradução, adaptação e validação de conteúdo, foi o *Inventário de valores no esporte juvenil* (IVEJ-18), que é a versão brasileira do *Youth sports values questionnaire* (LEE; WHITEHEAD; BALCHIN, 2000). Trata-se de um instrumento que fornece grande potencial para identificar e hierarquizar os valores no esporte juvenil, além de ser uma ferramenta que possibilita tecer comparações entre as prioridades de valores, uma possibilidade de avaliar e promover um possível entendimento da transferência dos valores no esporte – através do papel de professores, técnicos e monitores – para o cotidiano dos jovens. Mais ainda: promover o entendimento nas relações entre os sistemas de valores e outras variáveis, como, por exemplo, a motivação às realizações.

## 5.1 A COLETA DOS DADOS

Adentrando ao momento da aplicação prática do instrumento, especificamente na fase de cumprimento dos pressupostos éticos, defrontamo-nos com uma realidade que permeia nossa amostra e suas dificuldades. O *Termo de*

*consentimento livre e esclarecido*, por estranho que possa parecer, representou verdadeiro óbice à aplicação da pesquisa. Alguns responsáveis legais dos menores (pais, mães, tios ou avós) apresentavam grande dificuldade em entender o significado, o objetivo e a importância de suas assinaturas no referido termo.

Ao final, percebeu-se que os representantes acabavam por aceitar a aplicação do instrumento nos termos éticos exigidos muito mais pela confiança que tinham na pessoa do aplicador do que propriamente pelo entendimento da atividade que seria realizada. Mesmo assim, a aplicação do estudo não restou prejudicada, visto que, embora houvesse a dificuldade de entendimento, houve ampla aceitação pela autorização na realização da pesquisa. Também nesse contexto, agora junto aos jovens componentes da amostra, as dificuldades encontradas concentraram-se no campo dos esclarecimentos sobre o tema da pesquisa. Quase a totalidade da amostra, quando indagada sobre a realização de atividade semelhante em momento anterior, respondeu negativamente. Talvez, a pouca ênfase da pesquisa no ambiente escolar, os estudos sobre constructos psicológicos (no caso os valores humanos) e a realidade do cotidiano familiar da amostra respondam pela dificuldade encontrada.

Forma positiva observada, tratou-se da voluntariedade e aceitação unânime na assinatura e identificação por todos os componentes da amostra junto ao TCLE, visto que tal procedimento de identificação era facultativo. Os problemas nas coletas agravaram-se quando da explicação da metodologia das respostas (que deveriam ser colocadas no inventário, na ordem do número 1, correspondente a “Pouquíssimo Importante”, ao número 5, “Muitíssimo Importante”, passando pelos intermediários correspondentes ao número 2, “Pouco Importante”, 3, “Mais ou menos importante / Não sei dizer / Tenho dúvidas”, e 4, “Muito Importante”.

Tais problemáticas, depois de constatadas, levaram-nos a um trabalho mais meticuloso de esclarecimento, aumentando o tempo de permanência nos locais de coleta. Assim, optou-se por, além das manifestações coletivas efetuadas pelo aplicador da verificação circunscrita ao inventário, realizar explicações detalhadas, muitas vezes individualizadas, junto aos respondentes; tudo isto, objetivando dirimir dúvidas de ordem metodológica e reduzir resistências referentes à execução do trabalho, sempre ressaltando ser preferível o máximo de sinceridade a não

existência de resposta certa ou errada, além do comprometimento com a atividade devido à sua colaboração para os projetos futuros.

Ainda assim, alguns detalhes problemáticos, que imaginávamos sanados, não correspondiam com a realidade da amostra, a qual denotava claramente em déficit conceitual e vocabular. A facilidade no entendimento conceitual de alguns valores (como “respeito às regras”, “companheirismo” e “ser vencedor”) foi contrabalanceada pelo frequente desconhecimento de outros (como “ser consciencioso”, “tolerância”, “ser conciliador” e “prazer”). Tal realidade confirma, de certa forma, o elencado por Simon (1985), quando preconizou que a responsabilização exclusiva da escola pelo ensino de valores pode, muitas vezes, resultar-se deficitária, visto que, em modelos estatais diferenciados, por exemplo, certos valores são mais valorizados em detrimento de outros, o que, via de regra, não deve ocorrer. Parece-nos que o modelo brasileiro de ensino dos valores tem migrado dos núcleos familiares para as instituições de ensino e, ao que se percebe, alguns reflexos citados por Simon (1985) já podem ser constatados.

## 5.2 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS GERAIS

Com o objetivo de descrever os resultados obtidos da amostra geral, apresentam-se as estatísticas de tendência central (média, mediana e média aparada a 5%), de dispersão (desvio-padrão e amplitude total) e de distribuição da amostra (normalidade, assimetria e achatamento), como se pode observar na Tabela 1.

Tabela 1 – Estatísticas descritivas gerais

Itens	Tendência Central e Dispersão				Normalidade			Assimetria	Achatamento
	$\chi$ (DP)	Mín./ Máx.	Med	Trimédia 5%	Teste <sup>a</sup>	gl	Sig	Skewness /EP <sub>s</sub>	Kurtosis /EP <sub>k</sub>
Companheirismo	3,83 <sub>(1,27)</sub>	1 / 5	4,00	3,92	0,238	192	0,00	-4,742	-1,250
Respeitar as regras	3,82 <sub>(1,24)</sub>	1 / 5	4,00	3,91	0,232	192	0,00	-5,080	-1,250
Autoestima	3,82 <sub>(1,32)</sub>	1 / 5	4,00	3,92	0,238	192	0,00	-5,080	-6,645
Ser justo	3,74 <sub>(1,27)</sub>	1 / 5	4,00	3,82	0,229	192	0,00	-4,577	-1,195
Compaixão	3,74 <sub>(1,37)</sub>	1 / 5	4,00	3,82	0,238	192	0,00	-4,531	-1,763
Saúde e aptidão	3,66 <sub>(1,37)</sub>	1 / 5	4,00	3,73	0,212	192	0,00	-4,085	-2,017
Desportividade	3,59 <sub>(1,28)</sub>	1 / 5	4,00	3,65	0,184	192	0,00	-3,234	-1,936
Ser consciencioso	3,54 <sub>(1,44)</sub>	1 / 5	4,00	3,60	0,215	192	0,00	-3,131	-3,046
Realização pessoal	3,53 <sub>(1,28)</sub>	1 / 5	4,00	3,58	0,205	192	0,00	-2,765	-2,524
Imagem pública	3,47 <sub>(1,31)</sub>	1 / 5	4,00	3,53	0,166	192	0,00	-2,697	-2,279
Demonstrar habilidades	3,46 <sub>(1,28)</sub>	1 / 5	4,00	3,52	0,172	192	0,00	-2,308	-2,504
Ser conciliador	3,42 <sub>(1,33)</sub>	1 / 5	4,00	3,46	0,179	192	0,00	-2,382	-2,682
Ser estimulado	3,42 <sub>(1,27)</sub>	1 / 5	4,00	3,46	0,172	192	0,00	-1,822	-2,700
Obediência	3,41 <sub>(1,39)</sub>	1 / 5	4,00	3,46	0,189	192	0,00	-2,542	-2,991
Trabalhar em conjunto	3,40 <sub>(1,40)</sub>	1 / 5	4,00	3,45	0,176	192	0,00	-2,365	-3,054
Tolerância	3,30 <sub>(1,42)</sub>	1 / 5	4,00	3,33	0,172	192	0,00	-3,880	-3,530
Prazer	3,24 <sub>(1,53)</sub>	1 / 5	4,00	3,26	0,232	192	0,00	-1,920	-4,048
Ser vencedor	2,56 <sub>(1,48)</sub>	1 / 5	4,00	2,51	0,204	192	0,00	-2,674	-3,112

Fonte: elaborada pelo autor.

Completadas as coletas e realizadas as devidas análises das respostas, a ordem de preferência dos valores na amostra geral constituiu a seguinte hierarquia na ordem decrescente: companheirismo, respeitar as regras, auto-estima, ser justo, compaixão, saúde e aptidão, desportividade, ser consciencioso, realização pessoal, imagem pública, demonstrar habilidades, ser conciliador, ser estimulado, obediência, trabalhar em conjunto, tolerância, prazer e, por último, ser vencedor.

Através dos escores obtidos nas análises estatísticas, o valor “companheirismo” ocupou a primeira colocação na ordem de preferência. Tal posição não nos causa estranheza, visto que a delimitação etária da amostra se ateu ao ciclo de vida denominado de adolescência (PAPALIA, *et al.* 2006). Aqui, o resultado obtido corrobora com a manifestação dos níveis da moralidade convencional e da moralidade pós-convencional da teoria do julgamento moral de Kohlberg (1966). Nela, o autor preconiza ser o julgamento que está por trás de respostas sobre dilemas morais, e não a resposta em si. O valor humano

“companheirismo” insere-se no princípio de relações aprovadas e de alto conceito social nesta fase da vida (adolescência); a negação deste valor atenta contra a internalização de normas pró-sociais. Portanto, permanece uma busca da aprovação dos outros e a manutenção do grupo de iguais – iguais na moda, nos gestos, no vocabulário e, até mesmo, nas respostas a um questionamento moral.

Além disso, essa convivência entre amigos está relacionada às questões de aceitação e auto-estima (WEINBERG; GOULD, 2001, p. 478). A preocupação adolescente encontra amparo no grupo, afeto e orientação, uma preocupação em ser uma boa pessoa perante os outros. Segundo Piaget (1994), o adolescente, mesmo que possa pensar de forma imatura, já consegue raciocinar em termos abstratos. A autoconsciência no pensar sobre o próprio pensamento e o das outras pessoas justifica as respostas dadas pelos adolescentes. Aliás, assim como preconiza o psicólogo David Elkind (1984), estes comportamentos adolescentes tratam-se de “incurções inexperientes” no pensamento operacional formal; assim, o jovem age e pensa como se estivesse, a todo tempo, sendo observado. Ainda, quanto a tais manifestações, verificou-se que o mesmo ocorreu em relação ao valor “respeitar as regras” (segunda colocação na ordem de preferência). Certamente, o desenvolvimento cognitivo torna-se necessário a um julgamento moral, mesmo assim é salutar levar em consideração outros indicadores não abstratos, como as normas pró-sociais. Fatos ocorridos e observados durante a realização das coletas de dados, quando os jovens tentavam ver as respostas dos colegas para confrontar com as suas, levam-nos a especular se há um distanciamento entre um julgamento moral na resposta e o comportamento moral propriamente dito, pois as regras já estavam em comum acordo entre as partes e tal procedimento as contrariava.

Inclusive, o fato ocorrido parece confirmar a ideia de adolescência de Erikson (1968), em que o papel do jovem é confrontar sua identidade à confusão de identidade em busca da vida adulta como um indivíduo singular. Também, há possibilidade de uma difusão de identidade, potencializada pelo ambiente familiar, a qual é caracterizada por situar-se em uma camada social de baixo nível cultural, em que dificilmente existe a referência paterna e materna na educação. Esta falta de intervenção, esta omissão ou rejeição aos filhos, poderá acarretar na insegurança sobre si, evitando compromissos e respostas perante alguma decisão; como, de fato, ocorreu.

Dando sequência à abordagem individualizada sobre os valores hierarquizados pela amostra, o valor “auto-estima”, centrado na capacidade do adolescente poder ver a si mesmo, revela-se em interessante posição. Ao assumir a preferência pelos valores “companheirismo” e “respeitar as regras”, que possuem alta representação social, especulamos que pode o adolescente tentar forjar a representação que tem de si próprio, constituindo-a numa realidade abstrata, um auto-retrato a respeito de si que acredita ser verdadeiro, culminando a “auto-estima” na ordem de importância aferida na resposta..

Com relação ao quarto valor hierarquizado, “ser justo”, cabe afirmar que sua posição ou relevância já era esperada. Este valor não depende de outros contextos, ele é bom em si mesmo; portanto, sendo bom para o indivíduo e para todos os demais. Tal posição na ordem de preferência parece evidenciar o quinto estágio no nível da moralidade pós-convencional proposto por Kohlberg, (1966), uma valorização do desejo da maioria e o bem-estar de todos. Aqui, normalmente o cumprimento da lei é o que reforça e apoia este valor instrumental proposto por Rokeach (1981), quando o autor o elenca como uma característica pessoal e socialmente preferível em todas as situações.

Ademais, durante nossas análises estatísticas demonstradas na apresentação dos resultados, o grupo formado pelos valores “companheirismo”, “respeitar as regras”, “auto-estima” e “ser justo” formam um grupo aliado e indissociável estatisticamente aos valores “compaixão” e “saúde e aptidão”, quinto e sexto colocados na ordem de preferência. Os escores confirmam neste grupo de seis valores que há uma prevalência de quatro valores, que podem ser concebidos como morais, “companheirismo”, “respeitar as regras”, “ser justo” e “compaixão” – todos estes se reportam aos relacionamentos com os outros ou na promoção do bem-estar alheio. Parece claro que a negação desses valores é facilmente entendida como desabonador por todos. Por outro lado, os dois valores que nem sempre envolvem outros indivíduos, a “auto-estima” e a “saúde e aptidão” representam a necessidade de segurança (SCHWARTZ; BILSKI, 1987), sustentada pelas crenças de auto-eficácia dos jovens adolescentes.

Não obstante, surpreendeu a posição do valor “desportividade”, (sétima colocação), visto que, segundo Clifford e Feezel (2001), ele representaria uma qualidade moral que todos esperam, que conta com aceitação geral e com o

princípio de universalismo no esporte, fazendo parte do dia a dia do projeto social e da prática esportiva e sendo sua ferramenta de trabalho. Aliás, pode-se dizer que justamente através desse valor, que deveria predominar nos projetos, é que a transversalidade para os demais valores seria possível. Trata-se de um conceito reconhecido por todos, mas que, pela amostra, não foi reconhecido como responsável pelas variáveis de interação entre praticante e regras, espectadores, ação individual, vitórias, derrotas ou lances indesejáveis.

Na fase intermediária da hierarquia de preferência dos valores proposta pela amostra, os resultados apontam para uma concentração de escolhas que parecem haver sido entendidas como razoavelmente importantes, ou, ainda, que possam ter representado dificuldade na compreensão conceitual. Muito provavelmente, o desconhecimento sobre alguns aspectos conceituais, resultado do frequente analfabetismo funcional observado, tenha contribuído para tal resultado.

Ao final, ocupando as três últimas posições da escala apresentada, os valores “tolerância”, “prazer” e “ser vencedor” pressupuseram uma série de preocupações – dentre as principais, a de que o projeto social desenvolvido não atinja suas metas e seus objetivos inicialmente traçados. O valor “tolerância” causa curiosidade ao ocupar a antepenúltima colocação na ordem de preferências. Normalmente associado ao aspecto religioso, presumia-se que este valor teria autoridade suficiente no Brasil para se configurar em nível de importância no meio da amostra. No dicionário de psicologia de Doron e Parot (1998) encontra-se a expressão deste valor na preocupação com que a justiça seja feita, em função da personalidade ou das circunstâncias em que se permitiu que o regulamento não fosse cumprido. Esse conceito também é expresso em determinada atitude de se reconhecer que o outro tem o direito de agir e de pensar de forma diferente. Se adotarmos qualquer das premissas, confrontaremos com os valores “companheirismo”, “respeitar as regras” e “ser justo”, elencados nas primeiras colocações e que necessariamente necessitam de tais qualidades. Entretanto, o fato de o valor “tolerância” ocupar as últimas posições na ordem de preferência não significa que os jovens sejam intolerantes, mas apenas que o nível de importância atribuído ao respectivo valor é baixo perante os outros, fato este que deveria ser mais bem trabalhado perante os participantes dos projetos.

O valor “prazer” obteve um indicador preocupante na configuração dos resultados, ocupando a penúltima colocação na ordem hierárquica. Esta posição é causadora de uma profunda reflexão, principalmente por se estar tratando de uma pesquisa efetivada em projetos sociais, acolhedores de uma demanda carente, cuja atividade é visa, entre outros objetivos, aumentar os níveis de prazer dos participantes, afastando-os, ainda que temporariamente, dos percalços que a realidade lhes impõe. Esse “valor individualista” (SCHWARTZ, 1992) varia em função de cada conjuntura; assim, a dimensão cultural do esporte possui grande potencial nos aspectos prazerosos e de satisfação de desejos. Segundo Ryan e Deci (2000), a sensação de bem-estar provém do prazer que o indivíduo sente ao realizar as atividades. Essa sensação pode se originar especificamente da prática, ou também do ambiente e das condições em que ela é realizada. Assim sendo, pergunta-se: não estariam o ambiente e a prática desenvolvida nos projetos contribuindo para a baixa ênfase desse valor? Muito provavelmente, sim.

O valor “prazer” reflete-se, ainda, nas motivações intrínsecas do indivíduo. A teoria da autodeterminação sustenta que as atividades que proporcionam prazer, que trazem a noção de competência e de autonomia, são os protótipos dos comportamentos autodeterminados (RYAN; DECY, 2000a). Tais comportamentos não necessitam de motivações extrínsecas para ocorrerem, eles acontecem de forma voluntária e normalmente associada com as percepções e sensações de bem-estar e diversão na prática de esportes. Ainda de acordo com Wankel (1993), o prazer proporcionado pelas atividades físicas é responsável pela manutenção da prática, possibilitando a consequente obtenção dos benefícios físicos, psicológicos e sociais desta prática.

Por fim, a posição do constructo “ser vencedor,” quando hierarquizado em último lugar na amostra geral e em todas as variáveis controladas, revela duas realidades que devemos considerar. A primeira delas, a de que tal valor pode estar sendo mal trabalhado nos referidos projetos – como se fosse algo sem importância na sociedade atual. Entretanto, outra realidade se revela: a de que os jovens, atentos à discriminação da ambição no meio social optaram por qualificar o “ser vencedor” como um sinal de humildade, em contraposição, justamente, a uma cultura de vaidade à que se assiste hoje (LA TAILLE, 2009).

Qual jovem não almeja ser um vencedor? Confirmando a última posição na escala de importância e admitindo que, realmente, não há interesse nesse valor, os ensinamentos, neste caso, estariam suprimindo os participantes de uma realidade inequívoca e contemporânea: a necessidade de vencer no esporte, na vida, na família e no trabalho. Podemos inferir, nesse sentido, que para trabalhar o valor “ser vencedor” é necessário uni-lo ao prazer, pois, como afirmam Gill e Deeter (*apud* WEINBERG; GOULD, 2001, p. 122), a ausência de um acarreta na deficiência de outro. Ou seja, não há como exigir a ambição da vitória ou da conquista em alguém que não tem prazer na atividade que realiza.

Relativo à mediana, seus índices, em geral, permaneceram constantes em todos os valores medidos, assim, se aproximando do escore da média aritmética dos constructos mais importantes manifestados na hierarquia e se afastando das últimas preferências. Quanto à trimédia, observa-se na média aparada 5% que em todos os casos esteve próxima à média aritmética, indicando, com isto, que os constructos extremos a afetam pouco. Com exceção do constructo “ser vencedor”, em todos os outros casos a média aparada foi levemente superior à média aritmética.

Quanto aos índices mínimo e máximo, o esperado para o mínimo sendo 1 e para o máximo 5, foi observado que na totalidade dos casos coincidiram com os índices esperados. Relativo à dispersão, o desvio padrão desejável não ultrapassou a metade da média aritmética em 17 Valores testados. Já o 18º valor testado, “ser vencedor”, possui um escore aceitável, mesmo ultrapassando a metade da média aritmética, o que não representou inadequação na dispersão. Portanto, todos os constructos de valores no esporte apresentaram adequação estatística.

Através do cálculo Kolmogorov-Smirnov com correção Lilliefors, foi testada a aderência à normalidade das distribuições. Os resultados indicaram que em nenhum caso houve adesão à normalidade. Na análise da assimetria ( $Skewness/Ep. < 1,96$ ) e achatamento ( $-1,96 < Kurtosis/EP_k < 1,96$ ), todos os casos apresentaram problemas (ou de achatamento, ou de assimetria). Na verdade, distribuições simétricas foram encontradas apenas nos valores “ser estimulado” e “prazer”. Igualmente, distribuições mesocúrticas estão presentes apenas nos constructos “companheirismo”, “respeitar as regras”, “ser justo”, “compaixão” e “desportividade”.

Com o intuito de estudar e definir o nível de semelhança ou diferença entre dois momentos de uma mesma amostra ou população foi conduzido o teste *t* pareado. Essa análise permitiu verificar se as referidas diferenças em valores nominais são estatisticamente significativas. Feito isso, demonstramos através da Tabela 2 que os grupos (G1 ao G18), que agregam os 18 valores humanos no esporte juvenil, apresentaram resultados estatisticamente iguais ( $p > 0,05$ ). Sendo assim, os grupos serão agora demonstrados na forma do sistema de valores segundo os resultados obtidos.

**Tabela 2 – Grupos de valores indissociáveis estatisticamente**

Itens	G 1	G 2	G 3	G 4	G 5	G 6	G 7	G 8	G 9	G 10	G 11	G 12	G 13	G 14	G 15	G 16	G 17	G 18
Companheirismo	X	x	x	x	x	x												
Respeitar as regras	X	X	x	x	x	x	x											
Autoestima	X	x	X	x	x	x												
Ser justo	X	x	x	X	x	x	x	x	x									
Compaixão	X	x	x	x	X	x	x	x	x									
Saúde e aptidão	X	x	x	x	x	X	x	x	x	x	X	x		x				
Desportividade		x		x	x	x	X	x	x	x	X	x	x	x	x			
Ser consciencioso				x	x	x	x	X	x	x	X	x	x	x	x	x		
Realização pessoal				x	x	x	x	x	X	x	X	x	x	x	x	x		
Imagem pública						x	x	x	x	X	X	x	x	x	x	x	x	
Demonstrar habilidades						x	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x	
Ser conciliador						x	x	x	x	x	X	X	x	x	x	x	x	
Ser estimulado							x	x	x	x	X	x	X	x	x	x	x	
Obediência						x	x	x	x	x	X	x	x	X	x	x	x	
Trabalhar em conjunto							x	x	x	x	X	x	x	x	X	x	x	
Tolerância										x	X	x	x	x	x	X	x	
Prazer										x	X	x	x		x	x	X	
Ser vencedor																		X

Fonte: elaborada pelo autor.

O valor “companheirismo” mantém sua hierarquia de importância, ocupando o primeiro lugar na ordem geral de preferência dos jovens participantes da amostra. Contudo, agora ele é seguido por um grupo indissociável estatisticamente para fins de estudo. Esse valor demonstrou ser estatisticamente igual ( $p > 0,05$ ) ao grupo de valores (G1) “respeitar as regras”, “auto-estima”, “ser justo”, “compaixão” e “saúde e

aptidão”. Nos demais resultados, todos os valores restantes demonstraram diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ).

Em segundo lugar na ordem geral de importância atribuída aos valores no esporte, pela amostra da pesquisa, o valor “respeitar as regras”, não havendo diferenças significativas estatisticamente ( $p > 0,05$ ), também se agrega ao grupo dos valores (G2) compostos pelo “companheirismo”, “auto-estima”, “ser justo”, “compaixão”, “saúde e aptidão” e “desportividade”. Na terceira colocação geral, o valor “auto-estima”, apresentou resultados que o mantém indissociável estatisticamente dos valores de G3, “companheirismo”, “respeitar as regras”, “ser justo”, “compaixão” e “saúde e aptidão”. Elencado na quarta ordem de importância, o valor “ser justo” demonstrou também que seus escores inferem à igualdade estatística ( $p > 0,05$ ), formando agora um grupo (G4) com os valores “companheirismo”, “respeitar as regras”, “auto-estima”, “ser justo”, “compaixão”, “saúde e aptidão”, “desportividade”, “ser consciencioso” e “realização pessoal”.

O valor “compaixão”, ocupando a quinta colocação na ordem de preferência geral, alia-se aos valores (G5) “companheirismo”, “respeitar as regras”, “auto-estima”, “ser justo”, “saúde e aptidão”, “desportividade”, “ser consciencioso” e “realização pessoal”. Os valores apresentaram-se agrupados numa igualdade estatística idêntica e indissociável ao grupo G4, sendo assim, fica preservada a diferença entre os valores “ser justo” e “compaixão” somente na hierarquia geral de importância auferida ao valor individual da amostra. O valor “saúde e aptidão”, formou um agrupamento (G6) indissociável para fins de análise com os valores, “companheirismo”, “respeitar as regras”, “auto-estima”, “ser justo”, “compaixão”, “desportividade”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador” e “obediência”.

O valor “desportividade”, na sétima posição de preferência geral, aliou-se (G7) numa igualdade estatística ao grupo de valores “respeitar as regras”, “ser justo”, “compaixão”, “saúde e aptidão”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “ser estimulado”, “obediência” e “trabalhar em conjunto”. Com a oitava posição na hierarquia geral, “ser consciencioso” apresentou-se estatisticamente indissociável com os valores de G8: “ser justo”, “compaixão”, “saúde e aptidão”, “desportividade”, “realização

“pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “ser estimulado”, “obediência”, “trabalhar em conjunto” e “tolerância”. Na nona posição de preferência geral, o valor “realização pessoal”, formou um grupo (G9) indissociável estatisticamente pelos valores “ser justo”, “compaixão”, “saúde e aptidão”, “desportividade”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “ser estimulado”, “obediência”, “trabalhar em conjunto” e “tolerância”.

O valor “imagem pública” apresentou-se em igualdade estatística, formando um grupo (G10) com os valores “saúde e aptidão”, “desportividade”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “ser estimulado”, “obediência”, “trabalhar em conjunto”, “tolerância” e, por último, o valor “prazer”. Ocupando a décima primeira e a décima segunda colocação na ordem de preferência geral dos valores, “demonstrar habilidades” e “ser conciliador” apresentaram resultados idênticos ao grupo G10; estes três grupos tornaram-se indissociáveis para fins de análises, conservando apenas suas posições hierárquicas individualizadas na ordem de preferências manifestadas pela amostra da pesquisa.

O valor “ser estimulado” formou grupo (G13) em igualdade estatística com os valores “desportividade”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “obediência”, “trabalho em conjunto”, “tolerância” e “prazer”. O valor “obediência”, para fins de análise perante a amostra da pesquisa, ficou em igualdade estatística, formando um grupo (G14) indissociável, com os valores “saúde e aptidão”, “desportividade”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “ser estimulado”, “trabalhar em conjunto” e “tolerância”.

Na parte de baixo da tabela hierárquica geral dos 18 valores, “trabalhar em conjunto” compõe um grupo (G15) formado pelos valores “desportividade”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “ser estimulado”, “obediência”, “tolerância” e “prazer”. Já o valor “tolerância”, ocupando a décima sexta colocação na ordem de preferência, compõe um grupo (G16) igualitário estatisticamente, composto pelos valores “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “imagem pública”, “demonstrar habilidades”,

“ser conciliador”, “ser estimulado”, “obediência”, “trabalhar em conjunto” e “prazer”. Na penúltima colocação da hierarquia de preferências gerais dos 18 valores humanos no esporte juvenil aferidos junto à amostra da pesquisa, o valor “prazer” demonstrou-se indissociável do grupo G17, composto por “imagem pública”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador”, “ser estimulado”, “obediência”, “trabalhar em conjunto” e “tolerância”.

Finalizando, o valor “ser vencedor”, décimo oitavo e último colocado na ordem de preferências entre os valores, apresentou-se dissociado ( $p < 0,05$ ) de todos os outros valores, sendo tratado de forma separadamente e não podendo ser associado aos demais valores (G18).

### 5.3 QUANTO ÀS VARIÁVEIS CONTROLADAS

Na primeira variável controlada, “tempo de prática no projeto social até um ano” (ver tabela 3), o resultado da hierarquia de importância dos valores atribuídos pela amostra da pesquisa ficou assim: 1º) compaixão; 2º) respeitar as regras; 3º) auto-estima; 4º) companheirismo; 5º) ser justo; 6º) ser consciencioso; 7º) realização pessoal; 8º) saúde e aptidão; 9º) ser estimulado; 10º) imagem pública; 11º) desportividade; 12º) obediência; 13º) trabalhar em conjunto; 14º) prazer; 15º) tolerância; 16º) demonstrar habilidades; 17º) ser conciliador; 18º) ser vencedor.

**Tabela 3 – Hierarquia da variável “tempo de prática até um ano”**

Tempo de prática até 1 ano (grupo 1)	Tendência Central e Dispersão				Normalidade			Assimetria	Achatamento
	$\chi$ (DP)	Mín./Máx.	M <sub>ed</sub>	Trimédia 5%	Teste <sup>a</sup>	GI	Sig	Skewness/EP <sub>s</sub>	Kurtosis/EP <sub>k</sub>
Compaixão	3,88 <sub>(1,25)</sub>	1 / 5	4,00	3,98	0,253	107	0,00	-3,846	-1,347
Respeitar as regras	3,85 <sub>(1,28)</sub>	1 / 5	4,00	3,94	0,244	107	0,00	-3,756	-0,807
Autoestima	3,82 <sub>(1,35)</sub>	1 / 5	4,00	3,91	0,247	107	0,00	-3,782	-1,090
Companheirismo	3,79 <sub>(1,28)</sub>	1 / 5	4,00	3,87	0,220	107	0,00	-3,538	-0,872
Ser justo	3,70 <sub>(1,26)</sub>	1 / 5	4,00	3,78	0,248	107	0,00	-3,529	-0,611
Ser consciencioso	3,70 <sub>(1,42)</sub>	1 / 5	4,00	3,78	0,240	107	0,00	-3,239	-1,645
Realização pessoal	3,64 <sub>(1,29)</sub>	1 / 5	4,00	3,72	0,235	107	0,00	-2,662	-1,712
Saúde e aptidão	3,60 <sub>(1,36)</sub>	1 / 5	4,00	3,66	0,195	107	0,00	-2,833	-1,544
Ser estimulado	3,50 <sub>(1,20)</sub>	1 / 5	4,00	3,56	0,174	107	0,00	-1,401	-1,820
Imagem pública	3,48 <sub>(1,29)</sub>	1 / 5	3,00	3,53	0,178	107	0,00	-2,123	-1,369
Desportividade	3,46 <sub>(1,25)</sub>	1 / 5	4,00	3,51	0,181	107	0,00	-2,213	-1,207
Obediência	3,42 <sub>(1,40)</sub>	1 / 5	4,00	3,47	0,179	107	0,00	-1,756	-2,321
Trabalhar em conjunto	3,38 <sub>(1,47)</sub>	1 / 5	4,00	3,43	0,185	107	0,00	-1,871	-2,526
Prazer	3,33 <sub>(1,47)</sub>	1 / 5	4,00	3,36	0,218	107	0,00	-1,807	-2,159
Tolerância	3,29 <sub>(1,45)</sub>	1 / 5	4,00	3,32	0,170	107	0,00	-1,260	-2,665
Demonstrar habilidades	3,28 <sub>(1,32)</sub>	1 / 5	4,00	3,31	0,154	107	0,00	-1,000	-2,101
Ser conciliador	3,25 <sub>(1,27)</sub>	1 / 5	3,00	3,28	0,158	107	0,00	0,773	-1,991
Ser vencedor	2,67 <sub>(1,41)</sub>	1 / 5	3,00	2,64	0,172	107	0,00	-1,346	-2,429

Fonte: elaborada pelo autor.

Procedendo ao cálculo Kolmogorov-Smirnov ( $p > 0,05$ ) com correção Lilliefors, os resultados indicaram a adesão de todos os 18 valores no esporte juvenil à normalidade. Na análise da assimetria (Skewness/Ep.  $< 1,96$ ) e do achatamento ( $-1,96 < Kurtosis/EP_k < 1,96$ ), todos os valores apresentaram distribuição negativa. Os valores “ser estimulado”, “obediência”, “trabalhar em conjunto”, “prazer”, “tolerância”, “demonstrar habilidades”, “ser conciliador” e “ser vencedor” apresentaram assimetria platicúrtica. Os valores “compaixão”, “respeitar as regras”, “auto-estima”, “ser consciencioso”, “realização pessoal”, “saúde e aptidão”, “ser estimulado”, “imagem pública” e “desportividade” apresentaram distribuição assimétrica mesocúrtica.

Na segunda variável controlada, “mais de um ano de prática no projeto social”, no quadro hierárquico (ver Tabela 4) os valores ficaram assim distribuídos: 1º) companheirismo; 2º) autoestima 3º) ser justo; 4º) respeitar as regras; 5º) desportividade; 6º) saúde e aptidão; 7º) demonstrar habilidades; 8º) ser conciliador;

9º) compaixão; 10º) imagem pública; 11º) trabalhar em conjunto; 12º) obediência; 13º) realização pessoal; 14º) ser consciencioso; 15º) tolerância; 16º) ser estimulado; 17º) prazer; 18º) ser vencedor.

**Tabela 4 – Hierarquia da variável “tempo de prática mais de um ano”**

Mais de 1 ano de prática (grupo 2)	Tendência Central e Dispersão				Normalidade			Assimetria	Achatamento
	$\chi$ (DP)	Mín/Máx	M <sub>ed</sub>	Trimédia 5%	Teste <sup>a</sup>	gl	Sig	Skewness/EP <sub>s</sub>	Kurtosis/EP <sub>k</sub>
Companheirismo	3,89 <sub>(1,26)</sub>	1 / 5	4,00	3,98	0,260	87	0,000	-3,279	-1,956
Autoestima	3,83 <sub>(1,28)</sub>	1 / 5	4,00	3,92	0,243	87	0,000	-3,527	-0,571
Ser justo	3,79 <sub>(1,30)</sub>	1 / 5	4,00	3,88	0,236	87	0,000	-3,085	-1,009
Respeitar as regras	3,78 <sub>(1,18)</sub>	1 / 5	4,00	3,86	0,216	87	0,000	-2,461	-1,033
Desportividade	3,75 <sub>(1,31)</sub>	1 / 5	4,00	3,83	0,244	87	0,000	-2,643	-1,354
Saúde e aptidão	3,74 <sub>(1,38)</sub>	1 / 5	4,00	3,82	0,233	87	0,000	-3,100	-1,246
Demonstrar habilidades	3,69 <sub>(1,21)</sub>	1 / 5	4,00	3,77	0,210	87	0,000	-2,387	-1,148
Ser conciliador	3,62 <sub>(1,38)</sub>	1 / 5	4,00	3,69	0,229	87	0,000	-2,879	-1,287
Compaixão	3,56 <sub>(1,50)</sub>	1 / 5	4,00	3,63	0,222	87	0,00	-2,453	-2,046
Imagem pública	3,47 <sub>(1,34)</sub>	1 / 5	4,00	3,52	0,182	87	0,000	-1,748	-1,843
Trabalhar em conjunto	3,43 <sub>(1,30)</sub>	1 / 5	3,00	3,47	0,164	87	0,00	-1,391	-1,825
Obediência	3,40 <sub>(1,40)</sub>	1 / 5	4,00	3,45	0,205	87	0,000	-1,918	-1,749
Realização pessoal	3,38 <sub>(1,27)</sub>	1 / 5	3,00	3,42	0,169	87	0,000	-1,317	-1,688
Ser consciencioso	3,34 <sub>(1,45)</sub>	1 / 5	3,00	3,38	0,183	87	0,000	-1,255	-2,426
Tolerância	3,31 <sub>(1,40)</sub>	1 / 5	4,00	3,34	0,195	87	0,000	-1,120	-2,391
Ser estimulado	3,31 <sub>(1,35)</sub>	1 / 5	3,00	3,34	0,167	87	0,000	-1,038	-2,119
Prazer	3,13 <sub>(1,60)</sub>	1 / 5	4,00	3,14	0,247	87	0,000	-0,883	-3,121
Ser vencedor	2,43 <sub>(1,56)</sub>	1 / 5	2,00	2,36	0,244	87	0,000	-2,596	-2,158

Fonte: elaborada pelo autor.

Para averiguarmos a normalidade, realizamos o cálculo Kolmogorov-Smirnov ( $p > 0,05$ ) com correção Lilliefors. Os resultados indicaram a adesão de todos os 18 valores à normalidade. Na análise da assimetria ( $\text{Skewness}/EP_s < 1,96$ ) e achatamento ( $-1,96 < \text{Kurtosis}/EP_k < 1,96$ ), todos os valores apresentaram distribuição negativa. Os valores “imagem pública”, “trabalhar em conjunto”, “obediência”, “realização pessoal”, “ser consciencioso”, “tolerância”, “ser estimulado” e “prazer” apresentaram distribuição assimétrica platicúrtica

Dando continuidade, o passo seguinte foi a realização do teste *t* para amostras independentes (Tabela 5), com o objetivo de verificar as diferenças entre os escores dos dois grupos de variáveis controladas, “tempo de prática até um ano” e “tempo de prática de mais de um ano” nos projetos sociais.

**Tabela 5 – Resultados entre as variáveis controladas**

Variáveis controladas	Levene's test		T-test for equality of means		
	F	Sig.	T	DF	Sig. (2-tailed)
	Lower	Upper	Lower	Upper	
Prazer	3,546	0,061	0,905	192	0,367
Realização pessoal	0,031	0,861	1,432	192	0,154
Desportividade	0,790	0,375	-1,564	192	0,119
Respeitar as regras	0,366	0,546	0,384	192	0,702
Ser justo	0,425	0,515	-0,499	192	0,619
Compaixão			1,565	167,856	0,120
Tolerância	0,091	0,764	-0,100	192	0,921
Demonstrar habilidades	0,698	0,405	-2,223	192	0,027
Obediência	0,022	0,883	0,090	192	0,928
Trabalhar em conjunto	2,556	0,112	-0,208	192	0,836
Ser consciencioso	0,261	0,610	1,717	192	0,088
Ser estimulado	1,768	0,185	1,060	192	0,290
Saúde e aptidão	0,010	0,919	-0,693	192	0,489
Autoestima	0,529	0,468	-0,027	192	0,978
Imagem pública	0,608	-0,437	0,028	192	0,977
Companheirismo	0,026	0,871	-0,543	192	0,588
Ser conciliador	0,958	0,329	-1,927	192	0,055
Ser vencedor	2,289	0,132	1,156	192	0,249

Fonte: elaborada pelo autor.

*Ficou demonstrado através do Levene's test, nas variáveis controladas, que todos os valores tiveram sua homogeneidade assumida – com exceção do valor “compaixão”. Pode-se aceitar, com base nos resultados obtidos das análises, que os valores “companheirismo”, “respeitar as regras”, “auto-estima” e “ser justo” mantêm-se nas primeiras colocações da ordem de preferência dos jovens com tempo de participação nas duas variáveis controladas. A pequena variabilidade na posição não apresentou diferenças estatísticas significantes, tornando-se um grupo indissociável para fins de análise. O valor “companheirismo” ocupa a quarta posição de*

preferência no grupo 1 e ganha relevância no grupo 2, no qual assume o primeiro lugar na hierarquia. O valor “respeitar as regras”, segundo lugar no grupo 1, perde duas posições na escala de importância do grupo 2, indo do segundo para o quarto lugar. “Auto-estima” ganha uma posição, subindo da terceira colocação para a segunda nos participantes do grupo 2. O valor “ser justo” também sobe na importância atribuída, indo da quinta posição no grupo 1 para a terceira no grupo 2.

Apenas o valor “compaixão”, que assumiu a primeira colocação nos participantes até um ano (grupo 1), teve queda significativa, ficando na nona posição no grupo 2. Talvez a variação desse se deva à possibilidade de generosidade e humildade com os outros. Assim, tal demonstração de queda no nível de importância nos componentes do grupo 2 indicaria um fomento na prática individualista e sem comprometimento com seus pares, tornando-se preocupante tal evolução nos projetos e indo na contramão de seus reais objetivos.

*Já o valor “demonstrar habilidades” apresentou uma diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) entre o grupo de variáveis controladas até um ano de prática e o grupo com mais de um ano de prática. Para esse valor houve um aumento significativo de importância no segundo ano de prática no projeto. “Demonstrar habilidades” pode ser interpretado como uma forma de sustentação da auto-eficácia, um determinante do modo de pensar do jovem, como age e como se comporta, seus padrões de pensamento e as reações emocionais que vivencia em situação de realização (BANDURA, 1995). Tal valor mostrou uma variabilidade interessante na ordem de preferência, sendo que, de uma posição de pouca importância na preferência dos praticantes do grupo 1, ganhou grande importância pelos participantes do grupo 2.*

Além do mais, segundo Cruz e Viana (1996), com o andamento das atividades e a percepção que o participante tem sobre si, o jovem decidirá quanto esforço empreenderá face ao desafio e à persistência perante o mesmo; um tomar-se como referência numa demonstração de competência. Ainda, podemos especular que o aumento de importância do valor “demonstrar habilidade” coaduna com o afirmado por Feltz (1992), que expõe que os estudos da demonstração de habilidade no esporte foram baseados nos desempenhos e no julgamento do sujeito, especificamente nas experiências em que ele obteve um domínio sobre as ações realizadas.

Um dado presente nas análises e que se pode evidenciar é relacionado ao valor “ser conciliador”, que apresentou aumento de importância, indo da penúltima colocação para a oitava posição, atribuída no tempo de participação do projeto de mais de um ano em detrimento do período de participação de até um ano, o que tende a ser significativo para a comparação. Esse constructo trata-se de um imperativo moral, com papel agregador.

Os resultados também apresentaram um aumento de importância na preferência atribuída pelos jovens com mais experiência nos projetos. Tal fato tende a ser significativo, pois denotaria um jovem mais harmonizado com o todo e que estabelece acordos nos variados contextos. Após um momento inicial de submissão e obediência, o jovem passa a dominar as regras e tomar consciência da sua própria condição de controle e organização das regras. Segundo Schwartz e Bilski (1987), a consciência e a conduta dos participantes evoluem graças à cooperação e à coação nos fatores individualistas e coletivistas.

Por outro lado, o valor “imagem pública”, que se manteve na mesma colocação nas duas variáveis controladas, sofreu aproximação do valor “ser conciliador”. A respeito disso, várias são as razões prováveis para tanto, dentre elas, a de que os participantes com mais tempo de atividade nos projetos passaram a perceber a necessidade de valorizar o constructo “ser conciliador”. Até porque, o mesmo acaba sendo necessário à manutenção da “imagem pública”, que tem foco centralizado no prestígio e na admiração de outrem. “Ser conciliador” significa estabelecer uma posição, uma identidade construída por meio das relações com o mundo e com os outros, um lugar no contexto. Com isso, assegurando-lhe um ambiente estável e uma manutenção de ordem (LEVY, 1990; ROKEACH, 1981; SCHWARTZ, 1992).

O valor “trabalhar em conjunto” também merece ser referenciado num ponto de vista preocupante: houve um pequeno aumento da preferência na escala de importância, ao passo que ascendeu duas posições em relação à primeira variável controlada, ocupando agora a 11ª posição dentre os 18 valores mensurados. Acreditamos que tal variação pouco significa, sendo que, em projetos que desenvolvem seus trabalhos há mais de um ano, esperava-se que o crescimento desse valor deveria ser maior. A prioridade em trabalhar em conjunto nos remete ao sentido de cooperação, que deve ser trabalhado nos ambientes educacionais. Em

um ambiente cooperativo existe um aumento do prazer e do encorajamento, de modo que ninguém deve ser discriminado e deixado de fora das ações, surgindo as possibilidades de auxílio mútuo – até porque, o fim é o mesmo para todos. Nesse universo cooperativo, aumenta-se a comunicação, a troca, a confiança e a tolerância, podendo-se culminar, dessa forma, na evolução dos desempenhos. Tal escore classificatório parece indicar padrões moldados pelos professores, técnicos e monitores na não contemplação total do valor “trabalhar em conjunto”, o que distancia dos reais objetivos dos projetos sociais.

Em atividades do projeto em que há prevalência do modelo competitivo observa-se o desequilíbrio de seus objetivos; segundo Weinberg e Gould (2001), a competição não é inerentemente boa ou nem ruim. Não é uma estratégia produtiva ou destrutiva, é simplesmente um processo. Trata-se de um processo social influenciado pelo ambiente (técnicos, pais, professores, monitores). Para tal aumento no foco do “trabalho em conjunto”, no qual se visa um equilíbrio, o processo deve ser mudado. Através do modelo cooperativo, devem ser evidenciadas as estratégias de maximização da participação e da oportunidade de aprendizagem, não focando somente nos resultados das atividades, efetuando trocas de posições entre os participantes e finalizando, sempre, com um *feedback* positivo.

O valor “saúde e aptidão” sobe de importância indo da oitava posição no grupo 1 para a sexta posição no grupo 2. O valor “desportividade”, ocupa a décima primeira posição no grupo 1 e a quinta posição no grupo 2, subindo seis posições na ordem das preferências atribuídas pela amostra. O valor “realização pessoal”, da sétima colocação no grupo 1, cai para a décima terceira posição no grupo 2. Na importância atribuída ao valor “ser estimulado”, o grupo 1 o classificou na nona posição, já o grupo 2 não lhe inferiu grande importância, posicionando-o na antepenúltima colocação entre os 18 valores mensurados em graus de importância. O valor “obediência” manteve a mesma colocação (12<sup>a</sup>) entre os dois grupos de variáveis controladas.

Outro indicador que deve ser salientado diz respeito aos valores “prazer”, “tolerância” e “ser vencedor”. Os jovens, nas duas variáveis controladas e na amostra geral, mantiveram o nível de importância a estes valores concentrados nas últimas posições de preferências. Reiteramos, entretanto, que o fato de estarem agrupados nas últimas posições não significa que tais valores humanos possam ser

lidos como rejeitados, mas, sim, como em nível de preferência ou menor importância em relação aos outros.

O fato de o valor “prazer” – encontrado na maioria dos instrumentos de mensuração de valores (BRAITHWAITE; SCOTT, *apud* GOUVEIA *et al.*, 1991) – haver decaído da décima quarta para a penúltima posição na comparação das duas amostras controladas, aliando-se também ao resultado na amostra geral, é preocupante, sugerindo dúvidas e especulações sobre as ações que estão sendo desenvolvidas no dia a dia dos projetos. Esse “valor terminal” (ROKEACH, 1981) e “individualista” (SCHWARTZ, 1992) constitui-se em importante dimensão humana em todos os momentos da vida, não se tratando de conceito ambíguo e estando ao alcance de todas as camadas sociais a sua real compreensão de significado. Para Mota (p. 176, 2004): “Se a experiência for positiva ou divertida, se a experiência valorizar as percepções da criança e do adolescente, então, com mais probabilidade, os jovens manterão a atividade para o resto da vida.”

Tal ideia, se aceita, permite que se conclua que os ensinamentos e as aprendizagens sobre valores no ambiente esportivo podem ser eficazes caso haja contemplação do valor “prazer”. Entretanto, surge uma pergunta: qual o motivo da baixa preferência do valor “prazer”, quando observada na variável controlada “há mais de um ano” de atividades nos projetos? Em respostas, podemos especular que as práticas estão enfadonhas e repetitivas, o ambiente motivacional está deficitário ou as condições materiais não estão adequadas para as finalidades dos projetos. Skinner (*apud* RYAN; DECI, 2000a, p. 57) defendia que todo comportamento é motivado pelos prêmios, as atividades intrinsecamente motivadoras seriam aquelas em que o prêmio está na própria atividade. Assim, quanto mais intrinsecamente motivado, mais autodeterminado será o jovem. Ou seja, atividades que proporcionam prazer, que trazem a noção de competência e autonomia, são os protótipos dos comportamentos autodeterminados (RYAN; DECI, 2000a).

Nesse contexto, se as atividades ou o cotidiano nos projetos não se sustentam de forma prazerosa, o que foi demonstrado por meio do declínio de importância do valor “prazer” na segunda variável controlada, maior tempo de participação nos projetos, podemos entender que os participantes encontram-se desmotivados. Assim sendo, o jovem poderá não agir, ou, agir sem nenhum interesse, apenas cumprindo a tarefa. Mais ainda, aumentarão substancialmente as

dificuldades dos interventores na promoção dos ensinamentos dos valores humanos, distanciando-se, assim, dos objetivos reais dos projetos que buscam a inclusão e a formação de um sujeito pró-social através da ferramenta do esporte.

Continuando nossa discussão e partindo à análise do valor “tolerância”, parece-nos justificada implicitamente sua ocupação nas últimas colocações na ordem de preferência. Até porque, se não há prazer no que se faz, não há interesse; se não há interesse, segundo Albuquerque *et al.* (2006), não haverá preditor de bem-estar subjetivo e direção e esforço para desenvolver potenciais, desmotivando praticante. Ryan e Deci (2000b, p. 72) entendem que: “a amotivação pode ser resultante do fato da atividade não ser considerada importante para o indivíduo (RYAN, 1995), do indivíduo não se sentir competente para realizar a tarefa (BANDURA, 1986).” Esse valor, de extrema importância na busca de uma educação para a paz, deve obter prioridade de trabalho nos processos de inclusão. Tal valor exige uma atenção redobrada, visto que seus pilares estão centrados na cooperação, na reciprocidade e no respeito mútuo. Ou seja, perceber o outro e assim ser percebido pelo outro. Talvez, a confusão conceitual, em conjunto com a pouca ênfase dos interventores, técnicos, professores ou monitores possa responder pelo baixo apreço verificado; dessa forma, podendo tornar-se um paradoxo, uma passividade em aceitar tudo, negligenciando seus próprios valores. Também, a premissa da confusão analógica ao valor “ser justo”, que ocupa as primeiras colocações em ordem de importância nos resultados. Muito comum que se falar em “tolerância” quando se deveria em Justiça. De qualquer forma, tal valor merece atenção em novas reflexões.

No tocante ao valor “ser vencedor”, podemos inferir que sua posição na última colocação da ordem de importância na amostra geral e nas variáveis controladas representa o desconhecimento ou o pouco engajamento dos interventores junto aos projetos e seus reais objetivos. Dejours (1987) manifesta que a atividade precisa fazer sentido para o próprio sujeito, possuindo um conteúdo significativo para ele, que identificará as dificuldades de sua prática e, também, um conteúdo relevante ao objeto – seu aperfeiçoamento e sua evolução pessoal e social, ligados à atividade exercida.

Nesse enlaço, os resultados das análises, quando relacionados aos valores “tolerância”, “prazer” e “ser vencedor”, induzem a pensar que falta motivação dos

jovens com tais valores. Schwartz (1992) preconiza a caracterização dos valores como metas fixadas pelo indivíduo na forma de um comportamento desejável, tendo sua raiz na base motivacional. Tal premissa sustenta uma possível resposta ao entendimento da baixa preferência dos valores alicerçadas numa deficitária ênfase motivacional por parte dos projetos.

Em hipótese, a fim de buscar um crescimento nos níveis de preferência dos referidos valores, os projetos sociais poderiam se adaptar ao modelo motivacional de Nuttin (1985). Ser “vencedor” estaria para o autor como uma tendência específica em direção a uma determinada categoria de objetos. No valor “prazer”, sua intensidade estaria em função da natureza do objeto e da sua relação com o sujeito. As ligações entre o indivíduo e o ambiente (cultura) se estabeleceriam em relação às necessidades (objetos desejados) que são, então, transformadas em objetivos (objetos alvos).

Na sua perspectiva futura, o jovem precisa entender suas atividades como um processo que tem por fim um objeto a ser alcançado no futuro; qual seja: ser vencedor – a curto ou longo prazo –, integrado ao momento presente do indivíduo. Lens (1993), em suas contribuições, diz que a significação motivacional do indivíduo influencia diretamente em seus comportamentos e em suas perspectivas futuras, em que os valores “ser vencedor” (não a qualquer preço) e “tolerância” (no sentido de tolerar mais tempo a não obtenção de satisfações imediatas), sendo trabalhados, permitirão que o jovem desenvolva estruturas mais sólidas de comportamentos, motivando-se com a dinâmica deste processo. Se contemplado tal valor em suas percepções afetivo-cognitivas, Ruel (1987) enfatiza que o indivíduo se engajará em um comportamento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários estudos apontam para o esporte não apenas como um espetáculo de entretenimento, mas como um universo dotado de amplas possibilidades contributivas para a formação moral do praticante. Dito isso, compactuamos com a premissa de que o ambiente esportivo possa constituir-se em um meio de aprendizado, que abre possibilidades para a formação de um sujeito pró-social, verdadeiro objetivo dos programas de inclusão social que se utilizam do esporte como estratégia mediadora para seus fins.

Neste contexto, percebe-se que os estudos sobre constructos psicológicos no meio esportivo privilegiam a utilização da variável “atitudes”; até porque, são estas reconhecidas como mais acessíveis à manipulação experimental. Em contrapartida, verifica-se que o tema “valores humanos”, foco deste trabalho, apresenta considerável lacuna nas pesquisas psicológicas no âmbito esportivo, o que creditamos à generalização ou à dubiedade conceitual atinente ao tema.

No tocante aos projetos de inclusão social que utilizam o esporte como meio para obtenção de seus fins, observa-se que, ainda que as administrações organizem suas atividades institucionais buscando os fins inicialmente propostos, a execução propriamente dita distancia-se da ênfase priorizada: a educação em valores. Assim, culminam, basicamente, na realização de tarefas predominantemente motoras, táticas e técnicas, que são entendidas como coadjuvantes no processo – ainda que reservadas suas importâncias como mediadoras na busca dos objetivos principais dos projetos.

Na presente pesquisa, utilizando técnicas mensurativas, procuramos materializar uma possibilidade de detecção e análise da importância dos valores humanos no esporte, especificamente, em um grupo composto por jovens participantes de projetos sociais. O pressuposto assumido pelo trabalho é que, através da contribuição dos indicadores aferidos, seja possível o surgimento de novas possibilidades de subsídios aos professores, treinadores ou monitores na avaliação ou na reavaliação de suas estratégias de natureza pedagógica.

Neste sentido, o planejamento pedagógico, visando à formação moral do praticante, poderá não estar sendo contemplado na sua totalidade. Destarte, emerge o questionamento: estariam estes interventores, atualmente, preparados para atuarem neste sentido junto aos projetos sociais? Talvez, não. O que se observa nesse campo é o desconhecimento e a falta de ferramentas de apoio, que desencadeiam na prática rotineira de atividades esportivas como mero preenchimento do tempo vago.

Assim, mesmo concordando que a atividade motora e sua socialização gozam de mais interesse pelos jovens do que os procedimentos de aprendizagem moral, acredita-se que os responsáveis não devem compactuar com algo mais agradável e cômodo para todos, visto que não é este o objetivo primordial dos projetos sociais. Até porque, a retirada dos jovens de sua zona de conforto deve ser impulsionada na direção e na constituição do sujeito pró-social e não apenas de um cidadão meramente ocupado.

Nesse sentido, acredita-se que o foco das atividades esportivas, na direção dos valores humanos, constitui-se em excelente meio de mudança em relação ao mundo do esporte e à sua possível transferência ao cotidiano do jovem. Por fim, priorizando o enfoque nos valores, é possível que se reporte a uma dimensão humana central, dinâmica e econômica que estenderia as possibilidades de intervenções interdisciplinares não só com inferências rápidas de persuasão, mas contemplando também a educação e a reeducação integral do sujeito.

Portanto, o *Inventário de valores no esporte juvenil* (IVEJ-18) fornece um potencial para identificar a ordem de preferência de valores e, também, possibilita a realização de comparações entre as prioridades assumidas. Trata-se de uma ferramenta que permite a avaliação e o entendimento da transferência dos valores do esporte para o cotidiano, desde que aceitemos a premissa da existência de tal transferência.

As perspectivas futuras apontam para os próximos passos na direção da qualificação do IVEJ-18. Além de outros estudos objetivando a validade de constructo e validade de critério, deverá ser incluída a revisão dos itens com menores CVC<sub>c</sub> e a avaliação de outras propriedades métricas da escala como a

estabilidade temporal, validade fatorial exploratória e fatorial confirmatória em amostras da população alvo.

O presente estudo abre uma nova perspectiva no Brasil sobre o estudo dos valores humanos, contextualizado no universo do esporte, com suas interações e possibilidades. Ao contemplarmos a pesquisa, defendemos a premissa de que, por meio da identificação da preferência de valores pelos jovens, possamos inferir nos processos de intervenção, na busca do desenvolvimento da aprendizagem moral e, assim, na promoção do desenvolvimento pessoal e culminando na materialização de um comportamento social.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. *et al.* Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. **Revista Psico**, v. 37, n. 2, p. 131-137, mai./ago. 2006.

ALCHIERI, J. C.; CRUZ, R. M. **Avaliação psicológica**: conceito, métodos e instrumentos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. (Coleção “Temas em avaliação psicológica”.)

ALLPORT, G. W.; Vernon, P. E. **A study of values**: manual of direction. Boston: Houghton Mifflin, 1931.

\_\_\_\_\_; Lindzey, G. **Manual, study of values**. Cambridge: Houghton Mifflin, 1970.

ANGERS, M. **Initiation pratique à la méthodologie des sciences humaines**. Montréal: Les Éditions de la Chenelière, 1992.

ASÇI, F.; ASCI, A.; ZORBA, E. Cross-cultural validity and reliability of physical self-perception profile. **International Journal of Sport Psychology**, v. 30, n. 3, p. 399-406, 1999.

BALBINOTTI, M. Para se avaliar o que se espera: reflexões acerca da validade dos testes psicológicos. **Aletheia**, v. 1, n. 21, p. 43-52, 2005.

\_\_\_\_\_ *et al.* Dimensões motivacionais de atletas corredores de longa distância: um estudo descritivo-comparativo segundo o sexo. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 2, p. 73-80, 2007.

\_\_\_\_\_; WIETHEAUPER, D. Princípios e regras fundamentais do consentimento informado: uma proposta de intervenção em psicologia. **Revista Fahrenheit 451**, v. 1, n. 3, 2002.

\_\_\_\_\_; CAPOZZOLI, C. J. **Motivação à prática regular de atividade física**: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. Disponível em: <[www.usp.br/eef/rbefe/.../6\\_RBEFE.v.22\\_n1\\_2008\\_p63.pdf](http://www.usp.br/eef/rbefe/.../6_RBEFE.v.22_n1_2008_p63.pdf)>. Acesso em: 11 mai. 2011.

BANDURA, A. **Self-efficacy in changing societies**. New York: Cambridge University press, 1995.

BARDI, A.; SCHWARTZ, S. Values and behavior: strength and structure of relations. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 29. Disponível em: <<http://psp.sagepub.com/cgi/content/abstract/29/10/2003>>. Acesso em: 10 mai. 2011.

BARTHOLOMEW, J. *et al.* The sports inventory for pain: a confirmatory factor analysis. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 69, n. 1, p. 24-29, 1998.

BEECH, R. P. Value systems in Calcuta: a study of four occupational groups. In: \_\_\_\_\_; BEECH, M. J. (orgs.). **Belgal: change and continuity**. East Lansing: Asian studies, 1969.

BIAGGIO, A. M. B. Kohlberg e a “Comunidade Justa”: promovendo o senso ético e a cidadania na escola. **Psicologia Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 47-69, 1997. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102.79721997000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102.79721997000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 nov. 2007.

BISQUERA, R. **Introducción a la estadística aplicada a la investigación educativa**: un enfoque informático con los paquetes BMDP y SPSS. Barcelona: PPU, 1987.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 03 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei Federal nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em :<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)>. Acesso em: 07 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal nº. 9394/96. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/seep/arquivos/pdf/lei9394](http://portal.mec.gov.br/seep/arquivos/pdf/lei9394)>. Acesso em: 15 abr. 2010.

BRYMAN, A.; CRAMER, D. **Quantitative data analysis with SPSS release 8 for Windows**: a guide for social scientists. New York: Routledge, 1999.

BULLA, L. C.; MENDES, J. M. R.; PRATES, J. C. (orgs.). **As múltiplas formas de exclusão social**. Porto Alegre: Federação Internacional de Universidade Católica; EDIPUCRS, 2004.

BUISMAN, A.; VAN ROSSUM, J. Values and value clarification in sports. In: STEENBERGEN, J.; DE KNOP, P.; ELLING, A. (eds.). **Values and norms in sport**. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2001.

CAPDEVILA, L.; NIÑEROLA, J.; PINTANEL, M. Motivación y actividad física: El autoinforme de motivos para la práctica de ejercicio físico (AMPEF). **Revista de Psicología del Deporte**, v. 13, n. 1, p. 55-74, 2004.

CLIFFORD, C.; FEEZEL, R. Desportivismo: compreender, ensinar e demonstrar as virtudes do desportivismo. **Treino Desportivo**, Porto, v. 23, n. 4, p. 13-17, jun. 2001.

COLBY, A.; KOHLBERG, L. **The measurement of moral judgment standard issue scoring manual**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 2, 1987.

CORREA, M. M. Projetos sociais em Educação Física, esporte e lazer: reflexões preliminares para uma gestão social, **Ver. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 91-105, mai. 2008.

CRUZ, J. *et al.* Prevalent values in young spanish soccer players. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 30, p. 353-373, 1995.

\_\_\_\_\_; VIANA M. O treino das competências psicológicas e a preparação mental para a competição. In: CRUZ *et al.* **Manual de Psicologia do Desporto**. Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais Ltda., 1996.

DASSA, C. **Analyze multidimensionnelle exploratoire et confirmative**. Montréal: Université du Montréal, 1999.

DECI, E.; RYAN, R. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum Press, 1985.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Oboré; 1987.

DODGE, A.; ROBERTSON, B. Justifications for unethical behaviour in sport: role of the coach. **Canadian Journal of Women in Coaching**, Canada, v. 4, n. 4, p. 1, mai. 2004.

DORON, R.; PAROT, R. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Ática, 1998.

ELKIND. D. **All grown up and no place to go**. Reading: Addison-Wesley, 1984.

EKLUND, R.; WHITEHEAD, J.; WELK, G. Validity of the children and youth physical self-perception profile: a confirmatory factor analysis. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 68, n. 3, p. 249-256, 1997.

ERIKSON. E. H. **Identity: Youth and crisis**. New York: Norton. 1968

FELTZ, D. L. Understanding motivation in sport: a self-efficacy perspective. In: ROBERTS, G. C. **Motivation in sport and exercise**. Champaign: Human Kinetics, p. 93-106, 1992. Disponível: <[www.upo.es/psicologiadeldeporte/doc/articulo-deborahfeltz](http://www.upo.es/psicologiadeldeporte/doc/articulo-deborahfeltz)>. Acesso em: 10 mar. 2010.

GAYA, A. Programa Segundo Tempo. In: OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (orgs.). **Fundamentos pedagógicos para o Programa Segundo Tempo: 1º ciclo nacional de capacitação dos coordenadores de núcleo**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008.

GINZBERG, E. *et al.* **Occupational choice: an approach to a general theory**. New York: Columbia University Press, 1951.

GONÇALVES, C. *et al.* Valores no desporto de jovens: concepções, instrumentos e limitações. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, n. 30/31, 2005, p. 93-110.

GOUVEIA, V. A natureza motivacional dos valores: evidências a cerca de uma nova tipologia. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 431-443, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19965.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2009.

\_\_\_\_\_ *et al.* A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. **Estudos de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 133-142, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v6n2/7268.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2009.

\_\_\_\_\_. La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo. **Revista Psico**, v. 37, n. 2, 2006.

GUAY, F.; RATATELLE, C.; CHAHNAL, J. Optimal learning in optimal contexts: the role of self-determination in education. **Canadian Psychology**, v. 49, p. 233-240, 2008.

GRAÇA, A.; BENTO, J. Receios e convicções de controlo acerca da saúde em crianças e jovens. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS PAÍSES DE LINGUA PORTUGUESA, 1992, Recife. **A ciência do desporto, a cultura e o homem**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física Da Universidade Do Porto, 2003.

HERNANDEZ-NIETO, R. **Contributions to statistical analysis**. Mérida: Los Andes University Press, 2002.

HILL, M.; HILL, A. **Investigação por questionário**. 2. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2008.

JOUSSEMET, M.; LANDRI, R.; KOESTNER, R. A self-determination theory perspective on parenting. **Canadian Psychology**, v. 49, 194-200, 2008.

JUCHEM, L. **Motivação à prática regular de atividades físicas**: um estudo sobre tenistas brasileiros infanto-juvenis. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2006.

KOHLBERG, L. **Review of cold development research**. New York: Russel Sage Foundation, v. 1, 1964-1966.

KLUCKHOHN, C. K. M. Values and value orientation in the theory of action. In: PARSONS, T.; SHLDS, E. (eds). **Toward a general theory of action**. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

LAGUARDIA, J.; PATRICK, H. Self-determination theory as fundamental theory of close relationships. **Canadian Psychology**, v. 49, p. 201-209, 2008.

LA TAILLE, Y. As virtudes segundo os jovens. In: LA TAILLE, Y.; MENIN, M. (orgs.). **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

LEE, M.; COCKMAN, M. Values in children's sport: spontaneously expressed values among young athletes. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 30, p. 337-352, 1995.

\_\_\_\_\_; WHITEHEAD, J.; BALCHIN, N. The measurement of values in youth sport: development of the youth sport values questionnaire. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 22, p. 307-326, 2000.

\_\_\_\_\_; *et al.* Relations among values, achievement orientations and attitudes in youth sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 30, p. 588-610, 2008.

LENS, W. La signification motivationnelle de la perspective future. **Revue Québécoise de Psychologie**, v. 14, p. 69-83, 1993.

LEVESQUE, C.; COPELAND, K.; SUTCLIFFE, R. Conscious and nonconscious processes: implication for self-determination theory. **Canadian Psychology**, v. 49, p. 218-224, 2008.

LEVY, S. **Values end deeds**. Applied Psychology: an International review, n. 39, p. 379-400. 1990. Disponível em: <<http://scielo.br/scielo.php?script=sci-artex&pid=S143-94x2003000300010>>. Acesso em: 28 abr. 2008.

MAGUIRE, T.; ROGERS W. Proposed solutions for non randomness in educational research. **Canadian Journal of Education**, v. 14, n. 2, p. 170-181, 1989.

MASLOW, A. **Motivation and personality**. New York: Harper & Row Publishers, 1970.

MAZO, J.; BALBINOTTI, C.; BARBOSA, M. Processo de tradução e adaptação do Youth Sport Values Questionnaire (YSVQ). **Anais do IV Encontro de Educação Física**, p. 461, 2008.

MIQUELON, P.; VALLERAND, R. Goal motives, well-being, and physical health: an integrative model. **Canadian Psychology**, v. 49, p. 241-249, 2008.

MOTA, Jorge. Desporto como projecto de saúde. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (orgs.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

NAOMI, S.; SCHWARTZ, S.; KLOOT, W. Meanings of basic values for women and men: a cross-cultural analysis. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 28, p. 16, 2002. Disponível em: <<http://psp.sagepub.com/cgi/content/abstract/28/1/16>>. Acesso em: 18 ago. 2010.

NUTTIN, J. **Théorie de la motivation humaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.

PAPALIA, D.; OLDS, S.; FELDMAN, R. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2006.

PASQUALI, L. **Técnicas de exame psicológico – TEP: manual**. São Paulo: Casa do Psicólogo/CFP, 2001.

\_\_\_\_\_. Validade dos testes psicológicos: será possível encontrar o caminho? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. especial, 2007, p. 99-107.

PELLETIER, L.; SHARP, E. Persuasive communication and proenvironmental behaviours: how message tailoring and message framing can improve integration of behaviors through self-determined motivation. **Canadian Psychology**, v. 49, p. 210-217, 2008.

PEREIRA, C.; CAMINO, L.; DA COSTA, J. Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 1, 2005, p. 16-25.

PERRON, J. **Bases e aplicações dos valores em Psicologia e Educação**. Porto Alegre: Sagra, 1987.

PESTANA, M.; GAGEIRO, J. **Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS**. 3. ed. Lisboa: Edições Silabo, 2003.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**: Jean Piaget. Trad.: Elzon Lenardon. São Paulo: Simmus, 1994.

PORTO, J.; TAMAYO, A. Escala de valores relativos ao trabalho: VT. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, p. 145-152, 2003.

REINBOTH, Michael; DUDA, Joan L. Perceived motivational climate, need satisfaction and indices of well-being in team sports: a longitudinal perspective. **Psychology of Sport and Exercise**, in press, p. 1-18, 2005.

REIS, E. **Estatística descritiva**. Lisboa: Edição Silabo, 2000.

ROCCAS, S. *et al.* The big five personality factors and personal values. **Personality Social Psychology Bull**, n. 28; p. 789, 2002. Disponível em: <<http://psp.sagepub.com/cgi/content/abstract/28/6/789>>. Acesso em 10 abr. 2011.

ROKEACH, M. **Crenças, atitudes e valores**. Rio de Janeiro: Interciência Editora, 1981.

RUBIO, K. Ética e compromisso social na psicologia do esporte. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 27, n. 2, p. 304-315, 1º set. 2007.

RUEL, P. Motivation et représentation de soi. **Revue des sciences de l'éducation**, n. 13, p. 239-260, 1987.

RYAN, R.; DECI, E. Active human nature: self-determination theory and the promotion and maintenance of sport, exercise, and health. In: HAGGER, M.; CHATZISARANTIS, N. (eds.). **Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport**. Champaign: Human Kinetics, 2007.

\_\_\_\_\_. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation. Social development and well being. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 68-78, jan. 2000.

SANMARTÍN, M. **Valores sociales y deporte**: la actividad física y el deporte como transmisores de valores sociales y personales. Madrid: Gymnos; Editorial Deportiva, 1995.

SCHWARTZ, S.; BILSKY, W. Toward a universal psychological structure of human values. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 53, p. 550-562, 1987.

\_\_\_\_\_. Universals in the content and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In: ZANNA, M. (ed.). **Advances in experimental social psychology**. London: Academic Press, 1992.

\_\_\_\_\_. Are there universal aspects in the structure and content of human values? **The Journal of Social Issues**, n. 50, p. 19-45, 1994.

\_\_\_\_\_. Universalism values and the inclusiveness of our moral universe. **Journal of cross-cultural psychology**, v. 38, n. 6, p. 711-728, nov/2007.

\_\_\_\_\_ *et al.* Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. **Journal of cross-cultural psychology**, v. 32, n. 5, p. 519-542, set. 2001. Disponível em: <<http://jcc.sagepub.com>>. Acesso em: 1º set. de 2009.

SIMON, R. L. **Fair play: sports, values, and society**. Rev. ed. of: Sports and social values, 1985.

SUPER, D.; BOHN Jr., M. **Psicologia ocupacional**. São Paulo: Atlas, 1976.

TABARES, J. F. O esporte e a recreação como dispositivos para a atenção da população em situação de vulnerabilidade social. In: MELLO, V. de A.; TAVARES, C. **O exercício reflexivo do movimento**: educação física, lazer, e inclusão social. Rio de Janeiro: Shape, 2006. p. 212-224.

TAMAYO, A. Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 40, p. 91-104, 1988.

\_\_\_\_\_; SCHWARTZ, S. Estrutura motivacional dos valores. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 9, 1993, p. 329-348.

\_\_\_\_\_. Hierarquia dos valores transculturais e brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. especial, 2007, p. 7-15.

THOMAS, J.; NELSON, J. **Métodos de pesquisa em atividades físicas**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. **El campesino polaco en Europa y en América**. Madrid: CIS, 2004.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física e Desportos**, Paris, 1978. Disponível em:

<[www.acm.pt/pdf/documentos/CartaIntEduFisicaDesportoUnesco.pdf](http://www.acm.pt/pdf/documentos/CartaIntEduFisicaDesportoUnesco.pdf)> Acesso em: 10 abr. 2010.

VALLERAND, J. Robert. Vers une méthodologie de validation trans-culturelle de questionnaires psychologiques: implications pour la recherche en langue française. **Canadian Psychology**, v. 30, n. 4, 1989.

\_\_\_\_\_; PELLETIER, L.; KOESTNER, R. Reflections on self-determination theory. **Canadian Psychology**, n. 49, p. 257-262, 2008.

WANKEL, L.M. The importance of enjoyment to adherence and psychological benefits from physical activity. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v. 24, p.151-69, 1993.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WILSON, P.; MACK, D.; GRATTAN, K. Understanding motivation for exercise: a self-determination theory perspective. **Canadian Psychology**, v. 49, p. 250-256, 2008.

## **ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado pai ou responsável legal,

Eu, Jones Zarpellon Mazo, psicólogo, CRP07/15483, aluno do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estou convidando seu filho(a) para participar de um estudo, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS, protocolado sob o nº 18193, juntamente com outros participantes de projetos pró-sociais da faixa etária de 13 a 18 anos. Este estudo tem por objetivo descrever, a partir do grau de importância, o sistema de valores empregado pelos jovens no esporte juvenil.

Cada participante preencherá dois questionários. O primeiro trata de dados de identificação (nome, idade, sexo e tempo de prática). O segundo contém uma relação de valores do esporte juvenil, que o participante preencherá de acordo com o grau de importância atribuído para cada valor. O preenchimento dos questionários será realizado durante as atividades desportivas do projeto, conforme a disponibilidade do atleta. O tempo estimado para responder aos questionários é de aproximadamente 20 minutos.

A pesquisa faz parte da minha dissertação de mestrado, orientada pelo pesquisador responsável, Prof. Dr. Carlos Adelar Abaíde Balbinotti (51 9999-4957), do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os pesquisadores garantem aos participantes da pesquisa e aos seus pais (ou responsáveis legais) que:

- o preenchimento dos questionários não provoca qualquer risco ou desconforto físico, moral e psicológico ao participante;
- as informações e os resultados do estudo podem contribuir para estabelecer os principais valores no esporte juvenil, assim como as atitudes para a tomada de decisão moral no esporte, visando contribuir para uma proposta pedagógica orientada para o treinamento desportivo;
- o psicólogo Jones Zarpellon Mazo estará acompanhando e prestando assistência durante o preenchimento dos questionários, bem como estará

à disposição para esclarecer qualquer dúvida em qualquer momento do estudo (antes, durante e depois) pelo telefone (55 9972-0037) ou pelo e-mail: [jonesz@terra.com.br](mailto:jonesz@terra.com.br);

- o participante terá liberdade de recusar a participação ou de retirar o seu consentimento em qualquer fase do estudo, sem que ocorra nenhum prejuízo pessoal;
- não haverá nenhum tipo de remuneração pela participação no estudo;
- a identidade das participantes e dos seus pais (ou representantes legais) não será revelada e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos;
- o relatório final da pesquisa será encaminhado aos treinadores responsáveis, sendo garantida a confidencialidade dos respondentes e de seus pais (ou responsáveis legais).

Estou ciente de que se os meus direitos forem negligenciados pelos pesquisadores, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRGS –, pelos telefones (51) 3308-3738 ou (51) 3308-3629.

Serão feitas duas vias deste termo de consentimento. Uma via ficará com os pesquisadores e a outra com os pais (ou responsável legal) do participante no estudo.

A sua assinatura nesse formulário indica que você entendeu satisfatoriamente as informações relativas à participação de seu filho(a) nessa pesquisa e que você concorda em participar. De forma alguma esse consentimento lhe faz renunciar aos seus direitos legais e nem libera os pesquisadores de suas responsabilidades pessoais ou profissionais.

---

Nome e assinatura do participante da pesquisa

---

Nome e assinatura do pai ou responsável legal

---

Assinatura do pesquisador responsável Prof. Dr. Carlos Adelar A. Balbinotti

---

Assinatura do pesquisador psicólogo Jones Zarpellon Mazo

## ANEXO B – INVENTÁRIO DE VALORES NO ESPORTE JUVENIL (IVEJ)

### INVENTÁRIO DE VALORES NO ESPORTE JUVENIL

Com os itens a seguir, pretende-se obter informações sobre os valores de atletas no esporte juvenil. Cada item corresponde a um valor específico. Salieta-se que não há respostas certas ou erradas, a melhor resposta é aquela respondida de forma sincera. Sendo assim, responda dentro dos parênteses, o grau de importância que você atribui a cada valor descrito nas afirmações abaixo. O valor 1 indica que você atribui pouquíssima importância à afirmação apresentada; o valor 5 indica que você atribui muitíssima importância à afirmação; os valores 2, 3, e 4 indicam graus intermediários de importância. Portanto, conforme a escala abaixo, quanto maior o valor associado à sua resposta, maior o seu grau de importância.

- 1 – Pouquíssimo importante**
- 2 – Pouco importante**
- 3 – Mais ou menos importante – Não sei dizer – Tenho dúvida**
- 4 – Muito importante**
- 5 – Muitíssimo importante**

Sendo assim, qual o grau de importância que você atribui a cada um dos valores no esporte juvenil relacionados nos itens do inventário?

### LISTA DE AFIRMAÇÕES

Item	Valores	Descrição
01.	Prazer	( ) Eu me divirto e tenho prazer
02.	Realização pessoal	( ) Eu me realizo quando melho minha <i>performance</i>
03.	Desportividade	( ) Mostrar uma boa atitude desportiva
04.	Respeitar as regras	( ) Eu sempre jogo conforme as regras
05.	Ser justo	( ) Tento sempre ser justo
06.	Compaixão	( ) Ajudo as pessoas quando elas precisam
07.	Tolerância	( ) Aceito a fraqueza dos outros
08.	Demonstrar habilidades	( ) Executo corretamente as habilidades técnicas
09.	Obediência	( ) Faço o que me mandam fazer
10.	Trabalhar em conjunto	( ) Cuido para que todos atuem juntos
11.	Ser consciencioso	( ) Eu não traio as pessoas
12.	Ser estimulado	( ) A competição é estimulante
13.	Saúde e aptidão	( ) Pratico esporte para ficar em forma
14.	Auto-estima	( ) Sinto-me muito bem enquanto pratico esporte
15.	Imagem pública	( ) Eu causo boa impressão aos outros
16.	Companheirismo	( ) Eu faço atividades com os meus companheiros
17.	Ser conciliador	( ) Concordo com as pessoas
18.	Ser vencedor	( ) Posso mostrar que sou melhor que os outros

Autores: BALBINOTTI, M. A. A.; BALBINOTTI, C.A.A.; MAZO, J.Z.; BARBOSA, M.L.L. (2008).  
Tradução e adaptação do *Youth Sport Values Questionnaire* de Martin J. Lee, Jean Whitehead, e Nick Balchin (2000).

© 2008, Todos os direitos de tradução, adaptação e reprodução reservados.

## ANEXO C – CARTA DE APRESENTAÇÃO



Porto Alegre, 14 de Julho de 2010.

Prezado(a) Coordenador(a),

A Comissão de Pesquisa da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul vem por meio desta apresentar os Professores Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, Drdo. Ricardo Pedrozo Saldanha e Mdo. Jones Zarpellon Mazo, ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (UFRGS).

Estes professores estão conduzindo a pesquisa "VALORES E ATITUDES PRÓ-SOCIAIS NO ESPORTE: UM MODELO EXPLICATIVO NO CONTEXTO DO ESPORTE DE INCLUSÃO SOCIAL", que têm como objetivos avaliar a validade de um Modelo Teórico Explicativo de Valores e Atitudes no Esporte e contribuir para melhorar a compreensão dos comportamentos de praticantes de esportes de inclusão social em crianças e adolescentes de 13 a 18 anos. Para tanto, os alunos responderão a alguns questionários que visam identificar os principais valores e atitudes pró-sociais assumidos pelos alunos na prática do esporte de inclusão social. Tanto os questionários quanto as normas e procedimentos de aplicação foram aprovados pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS sob o número de protocolo 18193. Salienta-se que serão respeitados rigorosamente todos os cuidados éticos relacionados à pesquisa com seres humanos, conforme previsto na Resolução do Ministério da Saúde nº 196/96.

Contando com a sua compreensão e entendimento da relevância da pesquisa, solicitamos a formalização da autorização para desenvolver a pesquisa em seu Município através da "carta de aceite" em anexo.

Permanecemos a disposição para demais esclarecimentos através dos contatos:

- Ricardo Saldanha: (51) 81299934 ou pelo email [ricardo@ricardosaldanha.com.br](mailto:ricardo@ricardosaldanha.com.br)
- Jones Mazo: (55) 99720037 ou pelo email [jonesmazo@gmail.com](mailto:jonesmazo@gmail.com)

A handwritten signature in black ink is written over a rectangular stamp. The signature is fluid and cursive, appearing to read 'Alex Branco Fraga'.

Prof. Alex Branco Fraga  
Coordenador  
COMPESQ-ESEF

**ANEXO D – CARTA DE ACEITE / “PROGRAMA AABB COMUNIDADE”**

Carta de Aceite

Declaro que eu, Solange T. Rodrigues Contrô  
fui informado sobre a pesquisa “VALORES E ATITUDES PRÓ-SOCIAIS NO ESPORTE: UM MODELO EXPLICATIVO NO CONTEXTO DO ESPORTE DE INCLUSÃO SOCIAL”, que está sendo conduzida pelos Professores Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, Drdo. Ricardo Pedrozo Saldanha e Mdo. Jones Zarpellon Mazo, e concordo que a coleta de dados seja realizada no projeto social do AABB COMUNIDADE  
do município de Santo Ângelo/RS.

Solange T. A. Contrô  
Responsável  
(Assinatura e carimbo)

Projeto AABB Comunidade  
Solange T. R. Contrô  
COORDENAÇÃO

**ANEXO E – CARTA DE ACEITE / PROGRAMA SESI “ATLETA DO FUTURO”**

Carta de Aceite

Declaro que eu, ..... *Jandro Lopes Finatto*....., fui informado sobre a pesquisa “VALORES E ATITUDES PRÓ-SOCIAIS NO ESPORTE: UM MODELO EXPLICATIVO NO CONTEXTO DO ESPORTE DE INCLUSÃO SOCIAL”, que está sendo conduzida pelos Professores Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, Drdo. Ricardo Pedrozo Saldanha e Mdo. Jones Zarpellon Mazo, e concordo que a coleta de dados seja realizada no projeto social do ..... *Atleta do Futuro Sesi*..... do município de Santo Ângelo/RS.

Responsável  
(Assinatura e carimbo)

*Jandro*  
Jandro Lopes Finatto  
CREF 009874-G/RS  
Promotor de Lazer  
SESI - Santo Ângelo

## ANEXO F – CARTA DE ACEITE / “PROGRAMA SEGUNDO TEMPO”

### Carta de Aceite

Declaro que eu, PAULO VERSSIMO MACHADO DA SILVA, fui informado sobre a pesquisa “VALORES E ATITUDES PRÓ-SOCIAIS NO ESPORTE: UM MODELO EXPLICATIVO NO CONTEXTO DO ESPORTE DE INCLUSÃO SOCIAL”, que está sendo conduzida pelos Professores Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, Drdo. Ricardo Pedrozo Saldanha e Mdo. Jones Zarpellon Mazo, e concordo que a coleta de dados seja realizada no projeto social do PROGRAMA 2º TEMPO do município de Santo Ângelo/RS.



Paulo Verssimo Machado da Silva  
Coordenador Programa Segundo Tempo

---

Responsável  
(Assinatura e carimbo)

## ANEXO G – CARTA DE ACEITE / PROJETO “CORRIDAS DE RUA”

### Carta de Aceite

Declaro que eu, MARIA CLARA ABRAHÃO RIBEIRO  
fui informado sobre a pesquisa “VALORES E ATITUDES PRÓ-SOCIAIS NO ESPORTE: UM MODELO EXPLICATIVO NO CONTEXTO DO ESPORTE DE INCLUSÃO SOCIAL”, que está sendo conduzida pelos Professores Dr. Carlos Adelar Abaide balbinotti, Drdo. Ricardo Pedrozo Saldanha e Mdo. Jones Zarpellon Mazo, e concordo que a coleta de dados seja realizada no projeto social do CORRIDAS DE RUA do Município de Santo Ângelo/RS.

Maria Clara A. Ribeiro  
Responsável  
(Assinatura e carimbo)